

O ARAUTO da SANTIDADE

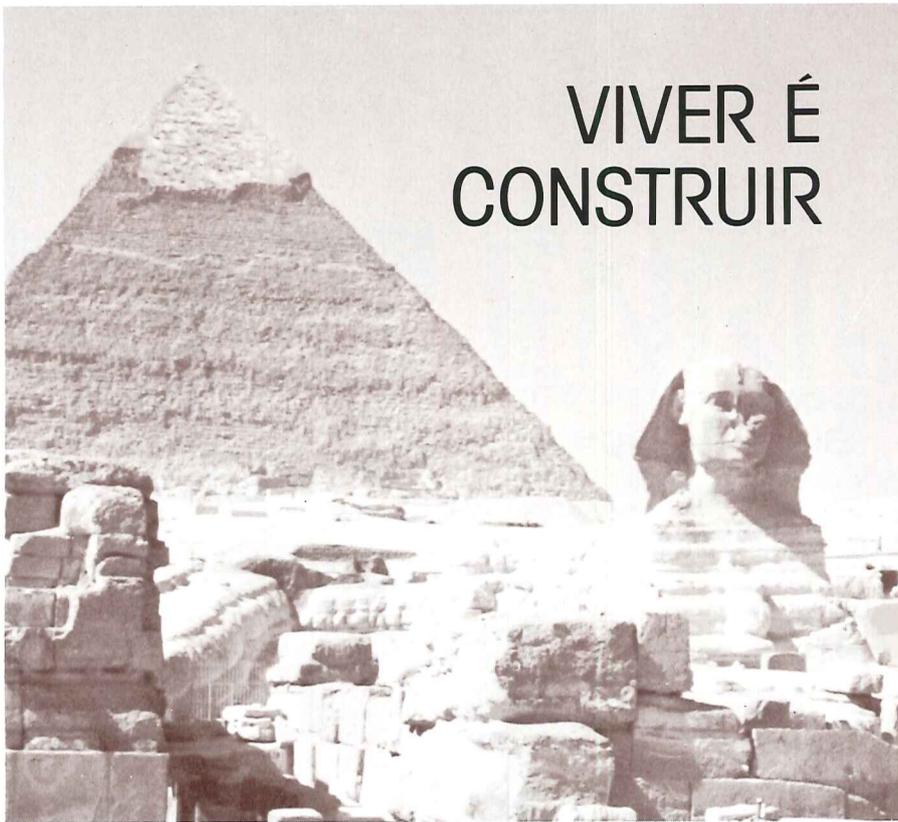
ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO

JULHO, 1985



European Nazarene
Bible College
Library





VIVER É CONSTRUIR

A arte de construir com pedras atingiu o seu apogeu no mundo antigo. Ainda hoje nos causam assombro os blocos gigantes das pirâmides egípcias, as colunas solenes dos templos gregos, o rendilhado das pedras em mosteiros portugueses, a eloquência muda de padrões erigidos por todo o mundo. A rapidez do concreto vazado nos nossos dias rouba-nos tanto da arte paciente do pedreiro de ontem! Trabalhavam a pedra com precisão metódica; seleccionavam cada uma como fariamos hoje às peças de elaborado quebra-cabeças. A despeito do seu peso de toneladas, as pedras usadas na construção das pirâmides ajustaram-se tão bem que ainda nos é impossível introduzir uma moeda nas suas frestas.

Precisamos deste exame das estruturas antigas para aprender o sentido total do conceito articulado pelo apóstolo Paulo: "Edificamos sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina" (Efésios 2:20).

A analogia aqui usada, a de uma construção, torna-se familiar a todos nós. Cidades e vilas empenham-se em construir mais e mais casas. Espaços ontem vazios apresentam-se agora coalhados de edifícios e de maquinaria usada para levantar novas estruturas. Para nós a casa representa abrigo, conforto e segurança. Mais razões para que se ajuste bem à vida o símbolo preferido pelo Apóstolo.

Viver é construir.

Saímos, assim, da premissa falsa dum destino que marque definitivamente o nosso futuro, para uma realidade na qual nos apercebemos de escolhas e oportunidades abertas a todos nós.

Para começar, nada é tão importante como a base sobre a qual decidimos edificar a vida. A imprensa internacional divulgou, há tempos, imagens de casas de artistas famosos na costa ocidental dos Estados Unidos sendo destruídas por embates do mar e desabamentos de terra. Pouco antes dos referidos desastres, es-

sas mesmas moradias foram consideradas marcos turísticos, expressões do melhor que o dinheiro pode conceber e comprar. Mas tornaram-se em montões de ruínas. Um engenheiro que fazia o apuramento dos estragos opinou: "Bases inadequadas".

Tocou o ponto crítico: bases inadequadas, problema de fundamentos. Todo o edifício e seu conteúdo dependem de onde e como o situamos.

O mesmo acontece à vida. Alguns apoiam-na em sonhos e fantasias. Revestem-na do colorido de prazeres e adornam-na com o fulgor de divertimentos. Quando acordam do seu devaneio são forçados a encarar o desmoronamento de tudo em que investiram tempo, talentos, posses e afeições. Conta-se das últimas horas dum famoso ateu francês. Junto à cabeceira do filósofo, um dos seus estudantes segredou: "Agarre-se às suas convicções, Mestre." Com olhar vazio, o moribundo respondeu: "Quais?"

Nada mais restava. Páginas de fulgor intelectual, debates e comunicações inflamadas tinham ficado reduzidos a um montão de cinza morna: "Quais?"

O único alicerce seguro é Jesus Cristo. Ignorá-LO é falta grave, pois mina todo o edifício da vida, por mais brilhante que ele seja. "O fundamento dos apóstolos e dos profetas", frase também achada no verso acima referido, aponta para o facto de que a própria história concluiu ser Jesus Cristo a única estrutura capaz de suportar o peso da vida. Só n'Ele achamos garantidos *abrigo, conforto e segurança*.

"Em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (Actos 4:11, 12). □

—JORGE DE BARROS



onde é a "linha da frente"?

—ONDE NOS DIRIGE O ESPÍRITO DE DEUS

—V. H. LEWIS
Superintendente Geral

Todas as igrejas precisam duma "linha da frente". Num ou mais pontos a igreja deve achar-se a confrontar, empurrar, marchar, crescer, vencer. Nenhuma congregação se pode acomodar à tarefa de apenas subsistir. Deus dotou a Sua Igreja de muita motivação e poder.

O livro de Actos descreve uma igreja activa, agressiva, ganhadora de almas. A verdadeira essência do Cristianismo exige resposta e movimento para alcançar outros. A igreja que perde esse impulso dado por Deus começa a definhando e a decair.

Cada pastor e igreja devem zelosamente aproveitar todas as oportunidades de crescer. Tenho verificado nova vitalidade em distritos e igrejas que incentivaram no último outono a frequência à Escola Dominical. Dessa forma alcançaram outras pessoas e beneficiaram-se a si próprios.

Pastores e igrejas que "plantam" uma nova congregação colhem novo impulso de vida espiritual. Eu ouvi o relatório à assembleia distrital dado por certo pastor que está a principiar uma nova igreja. Encontra-se numa área onde não há nazarenos—um "campo de missão"—provando que isto pode ser feito. A igreja não tem de esperar por circunstâncias favoráveis. Pode entrar numa comunidade, em áreas e regiões onde ninguém antes ouvira falar dela. O relatório desse pastor inspirou os membros da assembleia.

Essa mesma "fronteira" apela para cada igreja, pastor, evangelista, leigo. Nela haverá bênção e comunhão divinas; e os neces-

sitados são ganhos para Cristo.

A Escola Dominical, os cultos matinais e os vespertinos, as reuniões de oração, os avivamentos, o ensino, a pregação e o testemunho—são todos os lugares onde a fronteira espera pela sua igreja local, por você e por mim.

Este é um dos grandes privilégios da vida que Cristo oferece. Procedendo assim, estamos a enriquecer-nos pessoalmente e a revigorar-nos no espírito.

A Bíblia converte-se num novo livro quando as suas páginas reflectem as nossas próprias experiências. As bênçãos que oferece, a paz que descreve e o caminho de vida que recomenda tornam-se verdadeiramente nossos.

Prossigamos para a vanguarda. Busquemos um lugar e façamos algo—Deus deseja abençoar-nos e capacitar-nos.

*Dirige-nos, Espírito de Deus,
Chama-nos e seremos Teus;
Mostra-nos a linha da frente
E nós agiremos imediatamente!*

□

VIVER É CONSTRUIR	2
	<i>Jorge de Barros</i>
ONDE É A LINHA DA FRENTE?	3
	<i>V. H. Lewis, Super. Geral</i>
UVAS VERDES	5
	<i>Acácio Pereira</i>
O PRIMEIRO MANDAMENTO E AS SUAS IMPLICAÇÕES	6
	<i>Tiago Armínio</i>
NÓS SOMOS A RESPOSTA DE DEUS	7
	<i>M. J. Christensen</i>
EVANGELISMO DE ESTÔMAGO	8
	<i>W. E. McCumber</i>
JOÃO FLETCHER E A JUSTIFICAÇÃO	9
	<i>Carlos Serrão</i>
SOMOS DEVEDORES DO EVANGELHO	10
	<i>Helen Temple</i>
O SINAL VERMELHO	12
	<i>Eudo T. de Almeida</i>
ONDE ESTÁ O TEU DEUS?	13
	<i>Eddie Cairns</i>
EVANGELISMO	14
	<i>L. Guy Nees</i>
OS NAZARENOS DEVEM REGOZIJAR-SE	16
	<i>Jim Spruce</i>
ENVELHECENDO NA GRAÇA DE DEUS	17
	<i>W. T. Purkiser</i>
MEROS ESPECTADORES	19
	<i>Stan Meek</i>
O AMOR OCULTA O FUTURO	20
	<i>G. Weatherley</i>
PÁGINA DEVOCIONAL	22
EVANGELIZAÇÃO DE SANTIDADE	23
	<i>Paul R. Orjala</i>
PÁGINA MISSIONÁRIA	24
QUE É A PROMESSA DE FÉ?	25
PERGUNTAS E RESPOSTAS	26
O CAMPO É O MUNDO	27

FOTOS: Capa—J. Daegele, p. 2—TWA, p. 3—E. Carlin, p. 12—P. Schrock.

BENNETT DUDNEY, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director

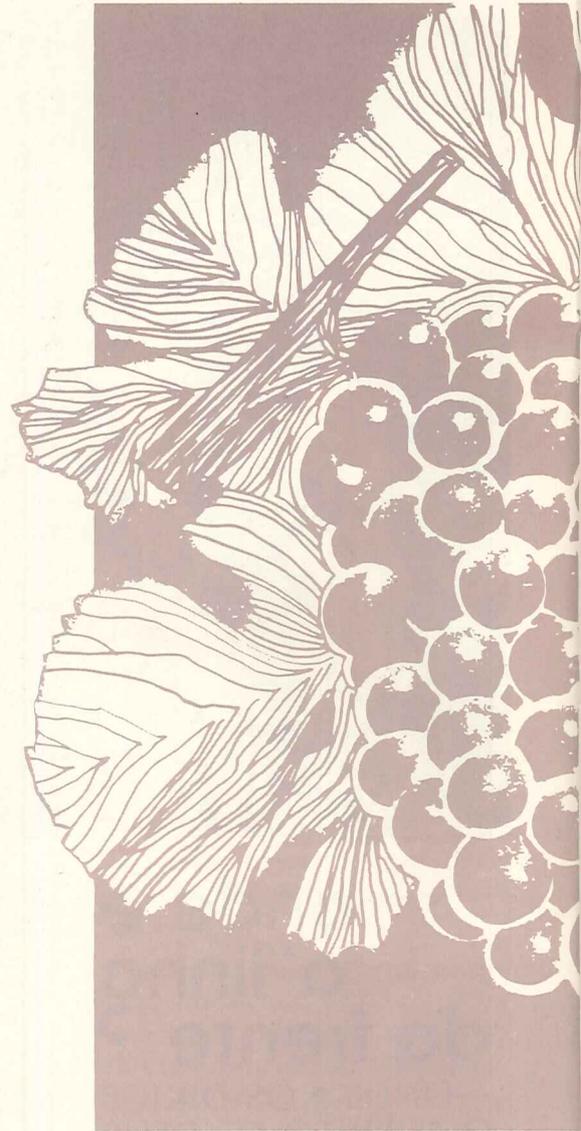
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista

CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

"O ARAUTO DA SANTIDADE", USPS 393-310, é publicado mensalmente por Publicações Internacionais e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109, E.U.A. Toda a correspondência respeitante a subscrições deve ser endereçada a Publicações Internacionais, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131, E.U.A. Direitos reservados (1985) pela Casa Nazarena de Publicações. Preço da subscrição anual: US\$4.00. Aceite como correspondência de segunda classe em Kansas City, Missouri, E.U.A.

"O ARAUTO DA SANTIDADE", USPS 393-310, is published monthly by Publications International, printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109. Editorial offices at 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all correspondence concerning subscriptions to Publications International, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. Copyright (1985) by Nazarene Publishing House. Postmaster: Please send Change of address to O ARAUTO DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. Subscription price: US\$4.00 per year. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, U.S.A.



Em muitos países, sobretudo europeus, as videiras são uma fonte de riqueza. Em Portugal, por exemplo, tanto crescem nas abas das serras, como nos terrenos de lavradio. Não é raro verem-se dependuradas nos salgueirais das encostas soalheiras do Minho ou presas a estacas e latadas espalhadas pelos vinhedos do Douro ou das Beiras. Cada região produz uvas próprias: moscatel, brancas, pretas, adocicadas, etc.

Também havia em Israel, no tempo do profeta Ezequiel, grande variedade de uvas. Foi em tal ambiente que o profeta refutou um provérbio largamente divulgado: "Os pais comeram uvas



uvas verdes

—ACÁCIO PEREIRA

verdes, e os dentes dos filhos se embotaram" (18:2). Queriam dizer com tal declaração que eles apenas sofriam e pagavam pelos pecados dos pais. O que, a verificar-se, seria uma injustiça crassa. Mas o profeta, inspirado por Deus, cortou o mal pela raiz: "A alma que pecar essa morrerá" (18:4). E explicou que cada um é responsável pelos seus actos, sofrendo as consequências da sua própria falta. "A justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele" (18:20).

Se os antepassados de Israel tinham comido uvas verdes—simbolizadas na adoração a ídolos, abusos sexuais, opressão a pobres e fraude nos pesos e medidas—

eles próprios sofreram o respectivo castigo. Agora, se os filhos padeciam, era por causa dos pecados deles e de se terem afastado dos estatutos de Deus.

Ainda hoje, mesmo entre cristãos, há quem procure seguir o provérbio das uvas verdes. Descarregam o peso da responsabilidade ou da culpa sobre mais alguém; sobretudo, amigos, familiares e vizinhos com quem convivem. Há pais que abandonam os filhos; e filhos que se queixam da incompreensão dos pais. Há crentes que lamentam a frouxidão da igreja, mas nada fazem para a animar e levantar. Desta forma, torna-se fácil criar tensões e frustrações que afectam a sociedade, a igreja e a família.

É verdade que o lar é o fundamento da igreja e da nação, constituindo a maior influência em transmitir aos filhos princípios morais. É que o ensino do lar pode ser suplementado na igreja e na escola, mas não substituído. Todavia, cabe-nos pais a maior responsabilidade de ensinar os filhos com diligência e amor.

Nos primeiros dois séculos da Igreja Cristã os cultos e o ensino eram ministrados em casas particulares. Os convertidos abriam com alegria as portas dos seus lares. Havia comparticipação de responsabilidades. Na Epístola aos Colossenses, o apóstolo Paulo enviou uma mensagem à congregação que se reunia em casa de Ninfá. A igreja de Roma fazia reuniões em casa de Priscila e Aquila. Filémon e Lídia cederam os seus lares para a realização de cultos de adoração a Deus. Só a partir do século III é que se começaram a construir templos.

Desde essa data, a família foi-se separando paulatinamente da igreja. E hoje continua o afastamento. Poderemos nós contribuir para uma aproximação? Certamente que sim. Para isso temos de remodelar a vida caracterizada por ambições materiais e sepa-

ração de Deus. Em sentido alegórico, deixar de falar em uvas verdes para assumirmos responsabilidade total das nossas acções.

O mundo que nos cerca e, especialmente, a igreja precisam de cristãos capacitados e cheios do Espírito Santo. Indivíduos com uma visão esclarecida da maldade do pecado, dando relevância à necessidade do arrependimento e da salvação em Jesus Cristo. Que demonstrem responsabilidade na evangelização do mundo e se preocupem em fazer bem aos outros. "Temos que erguer bem alto os ensinamentos éticos, morais e sociais de Jesus, sabendo que só Ele nos oferece um padrão justo para o carácter, seja do homem ou da nação. Não poderemos fundar uma nova civilização sobre o caótico alicerce do ódio e da amargura" (Billy Graham).

O profeta Isaías também fala duma vinha, mas com aplicação directa ao povo de Israel (5:1-2). Depois do dono a ter preparado com todo o cuidado, ela só produziu uvas bravas (5:2). Tanto trabalho inútil! Israel não correspondera à chamada divina. Por isso, o Senhor mudou de parecer: "Tirarei a sua sebe, para que sirva de pasto; derribarei a sua parede para que seja pisada; e a tornarei em deserto; não será podada nem cavada; mas crescerão nela sarças e espinheiros; e às nuvens darei ordem que não derramem chuva sobre ela" (5:5-6). É triste e lastimável o estado de país, família ou indivíduo que menosprezam o cuidado amoroso de Deus. Tal atitude conduz a sendas perigosas. Há pessoas que desejariam ser responsáveis, produzir bons frutos e deixar maus hábitos, mas nunca se decidem a fazê-lo. Continuam a desculpar-se com o provérbio das uvas verdes. Porém, a Palavra de Deus declara: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações" (Hebreus 4:7)... "Cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus" (Romanos 14:12). □

Os Dez Mandamentos encontram-se convenientemente distribuídos pelas duas tábuas da Lei. Na primeira estão aqueles que descrevem o nosso dever para com Deus. Acham-se quatro nesta categoria. Na segunda encontram-se os preceitos que exprimem os deveres do homem para com o próximo. São os seis restantes.

A relação que existe entre os mandamentos de cada tábua é a seguinte: Pelo nosso amor a Deus e ao que se relaciona com Ele, também manifestamos amor ao próximo. E se se desse o caso de termos, por necessidade, de renunciar ao dever com Deus ou o próximo, seria preferível sacrificar o próximo.

O primeiro mandamento é: "Não terás outros deuses diante de mim" (Êxodo 20:3).

Sem dúvida que neste preceito negativo existe uma afirmação presuposta no requisito do mandamento: "Ter-me-ás a mim, o Senhor, por teu Deus" (Êxodo 20:2). Nestas palavras está implícito: "Permite que Eu seja o Senhor, teu Deus; ou, portanto, "tem-me a Mim, o Senhor, como teu Deus".

Mas "ter o Senhor como nosso Deus" é parte tanto do entendimento como da vontade; e, por último, do efeito que procede de ambos (entendimento e vontade) ou de cada um deles.

"Outro deus" é tudo aquilo que a mente humana inventa e a que atribui a divindade que só pertence ao verdadeiro Deus—quer se trate de vida, obras, propriedades ou glória. Pode ser algo existente ou criado a que o homem atribua divindade; ou que exista, que seja simplesmente imaginário ou fantasia do cérebro. De qualquer forma, é "outro deus", pois a sua divindade radica no que o homem lhe confere e não naquilo que atribui a si mesmo. Daqui a origem da frase das Sagradas Escrituras: "Assim se contaminaram com as suas obras, e se corromperam com os seus feitos" (Salmo 106:39).

Para aqueles que o têm, este "outro deus" pode ser concebido sob três aspectos diferentes, de acordo com as Escrituras: (1) Eles próprios foram os seus inventores; (2) herdaram-no dos pais; (3) ou de outros povos desconhecidos, por meio da força, persuasão ou vontade própria.

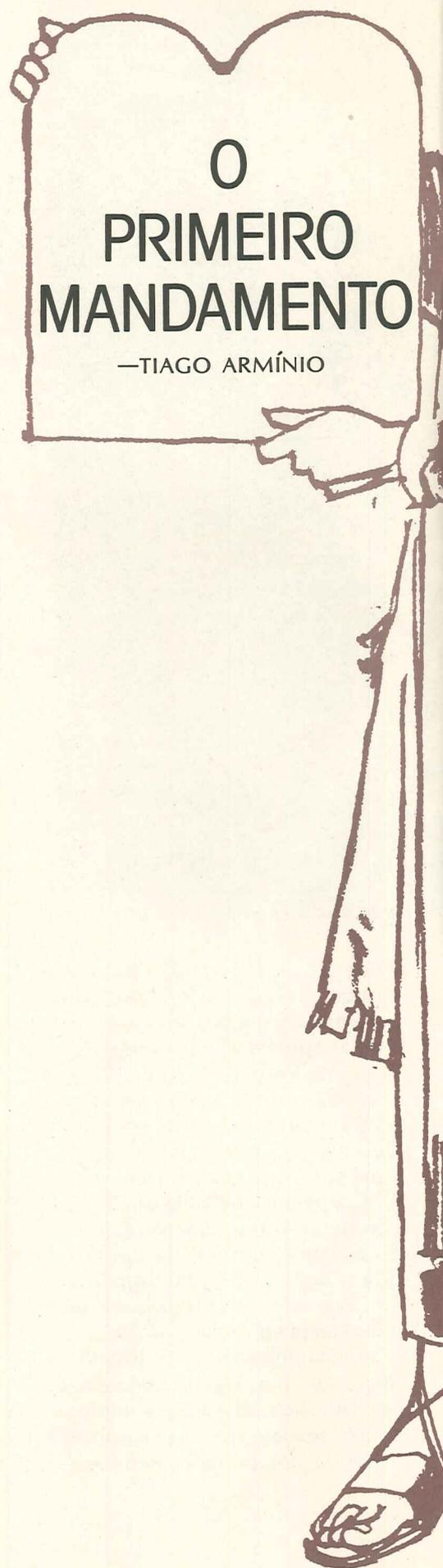
Por tal razão, chama-se *ídolo* a esse "outro deus"; e o acto pelo qual assim o consideramos torna-se em idolatria. Esta pode ser forjada na mente por crença ou sentimentos de amor, medo, confiança e esperança; ou manifestar-se nalgum meio exterior de honra, adoração, louvor e invocação.

A grandeza deste pecado tem sido designada por *separação de Deus, deixar a fonte, cavar cisternas rotas, matrimónio infiel e contaminação da terra*. Não é mencionado que os pagãos sacrificam aos demónios, por ignorância, coisas que só deviam ser oferecidas ao Deus verdadeiro.

A causa por que se diz que os homens servem aos demónios, embora tenham outros pensamentos, é "porque Satanás é a fonte principal e a origem de toda a idolatria. É o autor, aquele que engana, incita, aprova e defende a adoração a outros deuses. Por isso, o grau mais elevado de idolatria é atingido por quem atribua divindade a Satanás, designado como tal, e mesmo assim se vangloria de ser deus".

Embora os pagãos adorem anjos e demónios, não como o Deus supremo mas como divindades menores e mensageiros, ainda o culto que lhe prestam é idólatra, porque somente pertence ao Deus verdadeiro.

No entanto e posto que Cristo deva ser honrado como é o Pai, porque Ele foi constituído por Deus como REI e SENHOR e diante d'Ele todo o joelho se deve dobrar, e tem sido invocado como Mediador e Cabeça de Sua Igreja para que O honre a Ele unicamente, não somos idólatras quando adoramos a Jesus. □





—MICHAEL J. CHRISTENSEN ■ NÓS SOMOS A RESPOSTA DE DEUS

Moisés foi a resposta de Deus para Israel. Você e eu somos a resposta de Deus para o povo do nosso mundo. Podemos fazer uma diferença se obedecermos à chamada de Deus e dissermos: "Eis-me aqui!"

A vida na cidade tem-me tornado dolorosamente ciente do facto que vivemos num mundo pecaminoso. Por todo o lado vemos pessoas quebrantadas e sofredoras, desesperadas pelo amor terapêutico que só Cristo pode oferecer. Ninguém e nenhum grupo tem recursos para aliviar toda a dor.

Deus cuida daqueles que sofrem fome e não têm abrigo. Ele chama cada um de nós para servir de mediador do amor e da presença divina aos que nos cercam. Cada um de nós tem a responsabilidade de cuidar do próximo. Constituímos a resposta de Deus.

A terra tem recursos físicos suficientes para todos os habitantes. Tal como Ghandi disse: "Há suficiente para satisfazer a necessidade de cada um mas, não é suficiente para a gula de cada um."

Estamos a viver numa era de opulência evangélica. Muitos crêem no evangelho da prosperidade no qual as possessões materiais são vistas como sinais da bênção de Deus. Mas a bênção pode ser interpretada de uma forma diferente.

E. V. Hill disse em Nova Iorque (quem me dera poder transmitir o modo como ele o disse): "Quando Deus o abençoa materialmente, raras vezes o tem em mente. Ele dá-lhe para poder alcançar outros por seu intermédio. Se não o puder usar como canal, a bênção material terminará."

A nossa tentação nesta área é a de sermos senhores do que possuímos. O verdadeiro cristão precisa de cortar todos os laços que o prendem às riquezas e permitir que Deus dirija o que lhe foi dado para áreas de ministério a pessoas necessitadas. Porque nós somos a resposta de Deus!

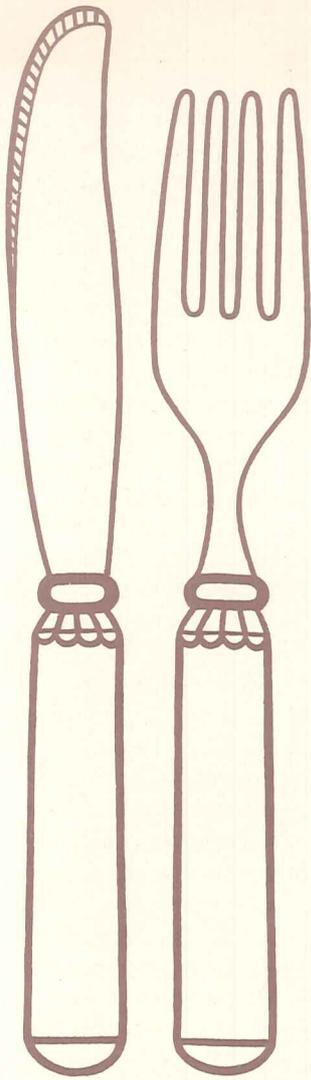
Porque razão continuo a viver e a exercer o meu ministério numa grande metrópole (mesmo quando sinto tal aflicção)? Porque eu sei da existência de grande sofrimento e injustiça nesta cidade, e eu sou parte da solução de Deus!

Porque razão coopera a igreja desta comunidade com outras igrejas e organizações na tarefa de alimentar mais de 2000 pessoas, quatro dias por semana? Porque estas pessoas estão privadas de alimentos necessários e nós somos parte da solução!

Porque razão seis estudantes da Faculdade Nazarena vizinha dedicaram as suas férias ao trabalho de restauração dum centro de apoio a desabrigados? Porque Deus não deseja que qualquer ser humano viva em condições tão degradantes. O grupo de missão urbana foi a resposta de Deus ao problema.

Porque razão tantos oferecem parte dos seus recursos materiais à missão? Porque oram por nós, oferecem alimentos, cobertores e roupas? Porque razão empregam algum tempo neste ministério? Precisamente porque, constituem o instrumento de Deus para satisfazer as nossas necessidades. O nosso ministério depende do vosso apoio fiel, em obediência ao Senhor.

Há muito sofrimento, pobreza e injustiça neste mundo. Mas Deus VÊ, Deus OUVI, Deus SABE e Deus CUIDA através de você e de mim. Juntos, NÓS SOMOS A RESPOSTA DE DEUS! □



EVANGELISMO DE ESTÔMAGO

—W. E. McCUMBER

Diz um antigo adágio: "O caminho para o coração do homem passa pelo estômago". Entre as habilidades que os homens uma vez buscavam na futura esposa, contava-se o talento de saber cozinhar. As comidas congeladas e os fogões microondas de hoje têm desferido um grande golpe à arte culinária.

O ditado tem aplicação espiritual. O "evangelismo de estômago" revela-se por vezes uma excelente estratégia em ganhar outros para Cristo. Numa refeição, em ambiente relaxado e alegre, você poderá encontrar a melhor audiência para a mensagem do evangelho.

O próprio Cristo deixou-nos exemplos inspiradores. Foi Ele que se ofereceu para ir comer à casa de Zaqueu. Durante a refeição Zaqueu experimentou uma mudança dramática que lhe alterou o curso da vida.

Mateus, um cobrador de impostos, festejou a sua conversão com "uma grande festa" em que apresentou ao Senhor muitos dos seus amigos. Quando fariseus presumidos e hipócritas protestaram, os comensais ouviram estas palavras de Jesus: "Eu não vim a chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento" (Mateus 9:13).

O Mestre ensinou à mesa da sala de jantar grandes verdades postas em linguagem simples. Uma vez que "toda a palavra de Deus tem poder", presumimos que cada comensal recebeu benefícios permanentes.

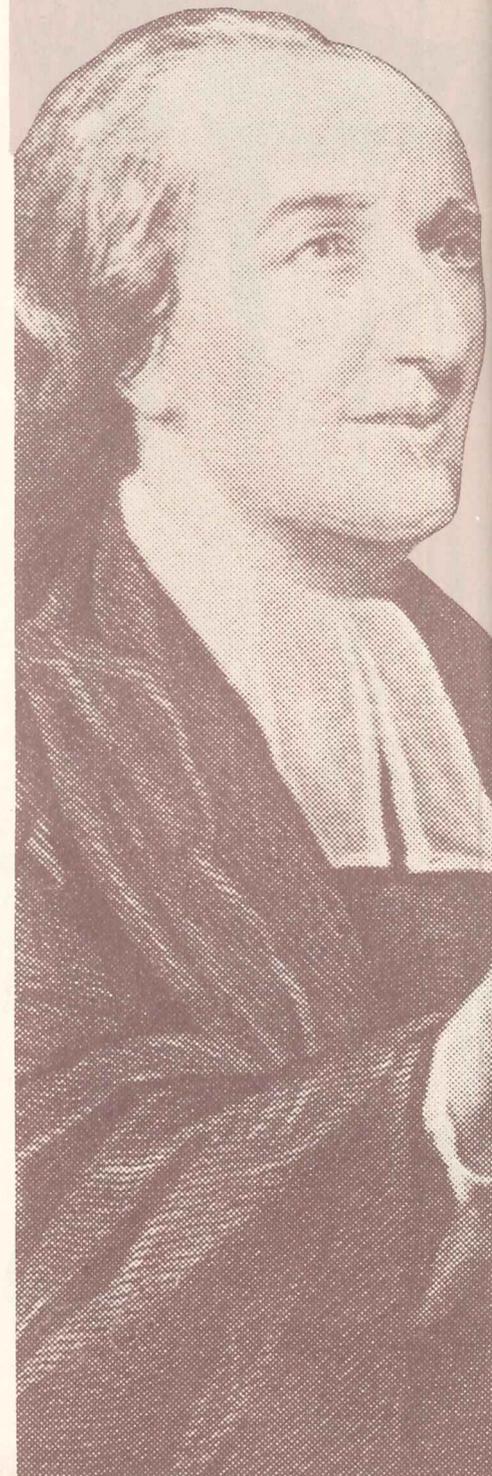
Conheço várias pessoas servindo hoje a Cristo que foram ganhas para Ele durante uma refeição. Uma delas é esposa dum pastor. Converteu-se ao Senhor à mesa dum lar humilde. Outra encontrou o Senhor Jesus durante um lanche num estádio, antes dum jogo de futebol. Outras pessoas escutaram pela primeira vez com seriedade a mensagem do evangelho enquanto comiam num domingo em casa de amigos cristãos.

Ter uma refeição em comum provê ambiente propício à evangelização calma mas intensa. Algumas pessoas que conseguem dar o seu testemunho nesse ambiente, não o fariam em situações mais formais. Os amigos não convertidos compartilhem com frequência na conversa à mesa problemas e necessidades, dando assim aos cristãos oportunidade esplêndida de lhes falar sobre Jesus Cristo.

Há muitas maneiras de testificar e ganhar outros para o Senhor. Um dos métodos mais comprovados é o "evangelismo de estômago". □

JOÃO FLETCHER E A JUSTIFICAÇÃO

—CARLOS M. SERRÃO



João Fletcher nasceu em Nyon, Suíça, em 1729, chamando-se na altura de *la Fléchère*. Educado em Genebra, seguiu a carreira militar. Uma nota curiosa é que Fletcher se alistou no exército português em que chegou ao posto de capitão, tendo sido comissionado para seguir num barco de guerra que ia partir para o Brasil, ao serviço do Rei de Portugal. Na manhã da partida, o criado que o servia à mesa do pequeno-almoço deixou cair uma chaleira de água quente que esaldou uma perna de Fletcher. Por este motivo, ele já não podia seguir viagem. O certo é que o barco desapareceu e nunca mais se soube dele.*

Achamo-lo depois na Inglaterra onde, graças a um encontro com os Metodistas de Wesley, Fletcher se converteu e dedicou a sua vida ao ministério, sendo então ordenado sacerdote. Mais tarde, Fletcher tornou-se superintendente do recém formado seminário metodista em Trevecca, País de Gales.

Conhecido como "o amigo mais valioso de Wesley", Fletcher "explicou, elaborou e defendeu" as doutrinas cridas pelos Wesleys (Tyerman). Fletcher foi considerado um exemplo da vida de santidade e sucessor certo de João Wesley. Todavia, faleceu em 1785, seis anos antes

*Obras de João Wesley, Vol. XI, pág. 279.

da morte do fundador do metodismo.

Como teólogo, Fletcher seguiu uma posição mediadora entre os extremos da época, de acordo com a sua interpretação das Escrituras. Reflectiu nisto o método de Wesley. João Fletcher notabilizou-se como adversário dos Calvinistas durante a controvérsia acerca da predestinação e da possibilidade de uma vida de santidade.

Assim, Fletcher escreveu sobre a justificação que João Wesley pregava e Carlos Wesley cantava. Ele apresentou-a sob quatro aspectos distintos, ainda que mutuamente relacionados: (a) *Justificação geral*, (b) *Justificação pela fé*, (c) *Justificação pelas obras* e (d) *Justificação final*.

A **justificação geral** é imputada pela graça de Deus, sendo parte da Sua revelação ao homem. Romanos 5:18 deu a Fletcher a base escriturística para esta afirmação. Pelo pecado de Adão fomos todos condenados mas, graças à obra redentora de Cristo, esta condenação é anulada pela graça. Tal "*como Adão trouxe condenação geral e uma semente universal de morte sobre todas as crianças, também Cristo traz sobre elas uma justificação geral e uma semente universal de vida*" (Fletcher). Esta situação é meramente temporária, terminando se a criança falecer ou quando esta, ao atingir a idade de responsabilidade moral, segue as inclinações da sua natureza pecaminosa. Ninguém é condenado ou excluído a não ser por escolha própria. Semelhante verdade é afirmada nos artigos de fé do nosso *Manual* (Expição).

Quando se perde a justificação geral, toma o seu lugar a **justificação pela fé**. Deus é o iniciador desta, oferecendo Jesus como Reconciliador pelo qual somos "justificados gratuitamente pela sua graça". Tem de haver um movimento da

parte do homem na direcção de Deus; doutro modo será uma oferta passiva que não pode ser recusada. O arrependimento é essencial para que haja salvação. Foi uma doutrina que levou Lutero a começar a Reforma Protestante. A iniciativa é divina, mas a resposta de aceitação ou rejeição tem de ser humana. Se a resposta for positiva o resultado trará a regeneração e a remoção da culpa do pecado.

Fletcher afirmou que a justificação só pela fé não seria suficiente. Assim como a justificação geral era para crianças e a pela fé para pecadores, a **justificação pelas obras** é para crentes. Mostrando que Paulo e Tiago não se contradizem, Fletcher argumenta que uma fé activa produz obediência que se traduz em obras de amor. Não que sejamos salvos pelas obras, mas é por estas que demonstramos a nossa fé. Para que não caiamos nos extremos do calvinismo ou do fariseísmo, precisamos de atingir um equilíbrio entre a fé e as obras.

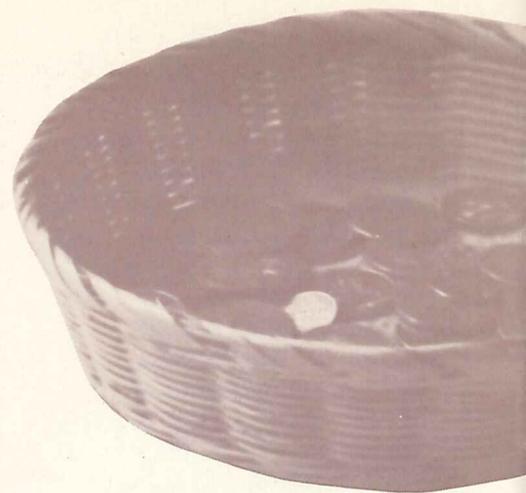
Um cristão completo é salvo pela fé e pelas obras, reflectindo a imagem de Cristo em obediência, sacrifício e santidade.

O último aspecto é a **justificação final**. O Espírito Santo opera a obra da santificação na vida do crente que, por sua vez, produz obras de maior calibre espiritual. Avançar para a perfeição deve ser o lema do cristão. À sua frente está o alvo da justificação final que é atingido no dia do juízo. Até lá, processa-se o crescimento na graça. A justificação final é a esperança do crente, encorajando-o a prosseguir para a salvação eterna.

A redenção do homem depende totalmente da graça de Deus e não de esforços pessoais, mas a sua consagração e obediência produzem os frutos da santidade "sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12:14). □

*Nós somos devedores
a todo o homem de dar
o evangelho na medida
em que o recebemos*

— P. F. Bresee



DAR NA MEDIDA EM QUE RECEBI? COMO PODEREI FAZÊ-LO?

Frequentei a Escola Dominical desde os quatro anos de idade.

Comecei a ir à igreja aos onze e já era considerada com idade suficiente para caminhar três quilômetros até à igreja, duas vezes ao domingo e uma vez durante a semana.

Estive provavelmente presente em cultos de avivamento uma ou duas vezes por ano desde a minha adolescência.

Desde o nascimento ouvi as orações da família e a Palavra de Deus. Assim que pude falar, comecei a participar na oração.

Tenho visto igrejas, dezenas delas, nas minhas viagens através de cidades americanas. Já vi páginas inteiras de jornais anunciando igrejas onde posso ouvir acerca de Deus.

Desde a minha infância fui inundada com o evangelho. Como posso oferecer o evangelho na mesma medida em que o recebi?

Talvez esteja a usar a medida errada. Talvez o importante não seja a quantidade mas a qualidade. Quanto da minha pessoa, do meu tempo, dos meus recursos pus ao dispôr de Deus em total consagração?

Os meus pais oraram por mim desde o meu nascimento até o Senhor os levar para junto de Si. Oraram com um interesse genuíno que não pode ser medido à base de tempo. A qualidade da oração não é afectada pelas cir-



SOMOS DEVEDORES DO EVANGELHO

—HELEN TEMPLE

cunstâncias, nível financeiro, educação ou habilidade pessoal. É somente limitada pelo coração. Posso desenvolver uma qualidade elevada de oração; ter uma atitude que anseia genuinamente pela salvação da minha família, de amigos, daqueles na minha Escola Dominical ou igreja que não conhecem o amor de Cristo, de vizinhos, etc. Posso alcançar em oração os famintos na Etiópia, no Camboja e no Haiti e seguir a orientação de Deus quanto a formas válidas pelas quais posso ajudar.

Posso oferecer o evangelho a alguém, pessoalmente. Talvez não seja noutras partes do mundo, mas certamente a alguém na cidade em que eu vivo. Posso ensinar crianças acerca do amor de Deus na Escola Dominical, em minha casa, na vizinhança. Posso transmitir essa verdade a adultos que, cansados de um mundo sem respostas, vêm à minha igreja ou atravessam o meu caminho. Posso-lhes falar de Cristo que é a resposta, e complementar o evangelho com as respostas que a experiência da vida me tem ensinado. Se Deus tem ouvido as minhas orações; se Ele transformou a minha vida; se as Suas respostas resultaram na minha vida, então eu posso, com confiança, recomendá-Lo a outros.

Aprendi o princípio do dízimo numa altura em que ainda era demasiado nova para ter dinheiro. Parecia ser fácil. Compreendi o verdadeiro significado deste princípio quando, depois de um lon-

go período de desemprego, ganei dez centavos. Certas coisas podiam então ser adquiridas com dez centavos. Mas, se eu desse o dízimo—um insignificante centavo—nenhuma dessas coisas podiam ser compradas. Travou-se uma batalha na minha consciência. Que poderia Deus fazer com um centavo? E para além disso, sentia-me embaraçada com o pensamento de pôr um centavo no prato das ofertas. Por fim, a vontade de Deus prevaleceu, e desde aí nunca tive problemas com o princípio de dizimar.

Mas será que o meu dízimo me dispensa da obrigação de oferecer o evangelho na mesma medida em que o recebi? Será que os pratos da balança se equilibram quando ponho o que dou no lado oposto àquilo que recebi?

Duma coisa eu estou ciente: o dinheiro só chega até um certo limite. É impossível esticá-lo para além do seu valor. Se de facto eu desejo oferecer o evangelho na medida em que o recebi, terei de examinar cuidadosamente aquilo que gasto nas minhas necessidades pessoais. Renda, impostos, contas de gás, água, electricidade e despesas médicas terão de ser pagas enquanto eu viver neste mundo. O restante dos nove décimos que o Senhor me confia pode ser usado de inúmeras formas. Comer em casa é geralmente mais barato que comer num restaurante, e aquilo que preparo pode ser escolhido tendo em mente o seu custo.

Este princípio pode ser seguido em praticamente todas as minhas aquisições. Por exemplo, se gosto de praticar exercício físico posso fazê-lo em trajes modestos e não me é necessário adquirir para isso equipamento caro. Bem cuidado, um carro pode durar muitos anos. Posso pedir a Deus que me ajude a diferenciar entre os meus desejos e as minhas necessidades genuínas. No fim de contas, nada me acompanhará depois da morte; portanto, posso desde já começar a habituar-me a isso aqui na terra.

É certo que as necessidades do mundo são de uma dimensão gigantesca: milhares morrem de fome diariamente; biliões de pessoas ainda não foram alcançadas pelo evangelho, e mais nascem em cada minuto. Mesmo que eu estenda ao infinito as minhas doações sozinha não serei mais do que uma gota de água no oceano de necessidades humanas.

Mas se o melhor que eu puder fazer for adicionado ao melhor que você pode fazer e ao melhor oferecido por 700.000 nazarenos ao redor do mundo, atingiremos uma dádiva da qual ficaremos orgulhosos de oferecer a Deus. Ele poderá então abençoar a nossa dádiva e usá-la através dos Seus servos para a pregação do evangelho, o discipulado de crentes, a alimentação de famintos, o cuidado de doentes, o treino de pregadores e a construção de igrejas. Então, seremos capazes de oferecer o evangelho na mesma medida em que o recebemos. □

O sinal vermelho dá segurança e tranquilidade. Há casos em que este é desrespeitado e, então, acontecem tragédias. Afora estas exceções, o sinal é um descanso. Nunca atravesso a rua sem observá-lo. Não confio na cor amarela porque há apressados de ambos os lados. Há dias vi alguém atravessar com o sinal vermelho. Eu estava no meio da rua e tive um grande susto. A minha segurança esteve ameaçada e logo pensei na família. Dei graças a Deus quando atravessei ileso.

O sinal vermelho não é uma violência à liberdade do homem, mas uma protecção à liberdade de viver. Apesar de minha prudência, certa vez em que ia apressado depois de olhar bem, tentei atravessar e logo um polícia se aproximou e disse-me: "Lembre-se, vermelho é vermelho tanto em São Bernardo como em Santo André". Pedi desculpa, fui perdoado e nunca mais olvidei o vermelho.

O sinal vermelho preserva a liberdade do meu próximo e ajuda-me a disciplinar meus impulsos naturais. Sempre me faz pensar no outro sinal de importância eterna: "Vendo eu sangue passarei por cima" (Êxodo 12:13). No Egito o destruidor passou respeitando as casas com o sinal vermelho. Os meninos em casa dos judeus

podiam sentir a solenidade do momento e, também, a tensão natural ao observar o pai que cobria de sangue as ombreiras das portas. Talvez algum tenha tentado olhar, por uma frincha, a noite lá fora. Sim, lá fora o terror à espreita; mas dentro havia segurança por causa do sinal vermelho.

Já disse que não gosto do sinal amarelo e fico um pouco desconfiado quando em alguns lugares tenho de esperar. O vermelho é convincente, vivo e definitivo.

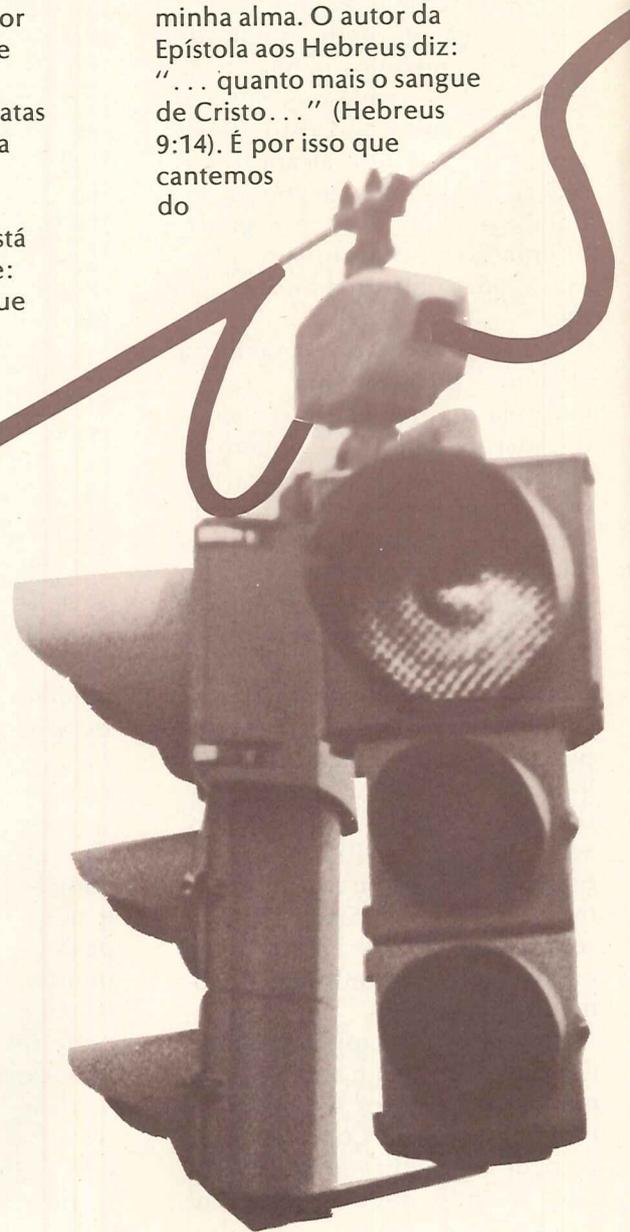
Durante séculos Deus usou símbolos e outros meios para ensinar gradualmente o grande plano da salvação. O escritor dos Hebreus chamou-os de "sombras". Mas vindo a plenitude dos tempos (Gálatas 4:4), Jesus sintetizou na Sua Pessoa tudo quanto fora ensinado. João Batista parafraseou o primeiro "Está consumado" quando disse: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1:29). Jesus derramaria o

Seu sangue, o Sinal Vermelho, pois sem ele não há remissão de pecados (Hebreus 9:22).

Hoje sentimos, pelo que ouvimos, que a pregação evangélica tem tomado certa forma imprecisa. Ficamos sem saber se estão a falar a sério duma salvação pelo sangue ou de algo parecido com a luz amarela de trânsito, algo indefinido e inseguro. "Vendo eu sangue passarei por cima." Foi por este sinal que os israelitas escaparam da morte; por outro sinal vermelho, Rabat e seus familiares foram salvos. E é pelo sangue de Jesus, o Vivo Caminho, que eu descobri a segurança para minha alma. O autor da Epístola aos Hebreus diz: "... quanto mais o sangue de Cristo..." (Hebreus 9:14). É por isso que cantemos do

— EUDO T. DE ALMEIDA

o sinal vermelho



fundo da alma: "FOI NA
CRUZ. . ." Não pelas obras da
lei, mas pelo Sangue. Aleluia!
*Oh, fonte sem igual,
Que lava nosso mal!
Paz e perdão real
Vemos nesse mesmo sangue. □*
(Louvor e Adoração, 91)

Deitado, desesperadamente doente, numa cama de hospital; ligado a máquinas complexas que me mantinham vivo; eu estava a atravessar o "vale da sombra e da morte". Durante os dias seguintes foram-me apresentadas três perguntas às quais me exigiram respostas satisfatórias. De quem vieram, não sei. Talvez tenha sido Satanás procurando destruir a minha fé, ou o Senhor provando-a, ou talvez tenham originado no meu próprio coração. De quem quer que tenham vindo, foi-me necessário responder. A primeira pergunta era: "Como sabes que conheces a Deus? Se nunca O vistes e nunca comunicastes com Ele, como podes estar certo de que O conheces?" Repliquei dizendo: "É verdade que nunca vi o Senhor com os meus olhos físicos e que nunca lhe toquei com as minhas mãos, mas eu sei que O conheço. E a minha certeza quanto à relação pessoal com o Senhor baseia-se na Palavra de Deus. Tenho as promessas infalíveis de Deus." Antes de poder começar a citar

várias promessas respeitantes ao perdão dos meus pecados, à purificação do meu coração e à presença da paz de Deus na minha vida, o Senhor falou-me claramente. Ele disse: "Sim, e porque tens as promessas de Deus também tens o Deus das promessas." A pergunta tinha sido respondida. O Deus das promessas era o meu Deus e eu estava certo disso. O meu coração foi duplamente assegurado. Mas surgiu imediatamente a segunda pergunta: "Onde está o teu Deus? Tu atravessas o "vale de Baca", o local de sofrimento; e o teu Deus, onde está Ele?" A pergunta parecia insinuar que eu estava sozinho na escuridão, mas imediatamente fui lembrado de um dos títulos de Jeová, encontrado em Ezequiel 48:35— "Jehová Shammah"—que significa "o Senhor está ali". Relacionado com esta promessa vieram-me à mente as palavras de Jesus: "De maneira alguma te deixarei nunca jamais te abandonarei." Imediatamente fui rodeado pela sensação inconfundível da presença de Deus. Através de toda a minha vida cristã eu tinha procurado viver a presença de Deus e agora, naquela hora escura de provação,

quando a minha fé na Sua presença confortadora estava a ser tentada, Ele não falhou. Uma vez mais a Sua Palavra proporcionou a resposta à pergunta feita e trouxe certeza ao meu coração. O Senhor estava ali!

A terceira pergunta não tardou: "No meio de todo este sofrimento, onde podes ver o amor de Deus?" O inquisitor lembrou-me que durante os últimos dez anos eu tinha sofrido de uma doença neurológica rara para a qual não existe cura certa. Lembrou-me também das muitas ocasiões em que eu tinha estado no hospital e agora, mantido vivo somente graças a aparelhagem médica, a minha saúde estava pior que em qualquer outra altura. "Portanto", repetiu o inquisitor, "onde está o amor de Deus?" Imediatamente veio-me à mente João 3:16, e a resposta foi: "Se Deus me amou o suficiente para oferecer o Seu Filho como oferta expiatória em meu lugar, Ele não me abandonará agora. O Seu amor foi real então, no Calvário, é tão certo e real neste local de dor." Lembrei-me também que Jesus disse que o nosso Pai celestial vê mesmo o pequeno pardal quando cai, assegurando-nos assim de que olha e cuida de nós. Uma vez mais Deus trouxe alívio ao meu espírito atormentado. Assegurou-me que o Seu amor era garantido e todo-suficiente. Era suficientemente redentor para me erguer das profundezas do pecado ao auge

ONDE ESTÁ O TEU DEUS?

—EDDIE CAIRNS

da santidade; e clinicamente suficiente para tocar o meu corpo enfraquecido e me erguer do "vale da sombra..."

Naqueles dias de perguntas e respostas não tive um sentido profundo da morte, nem tão pouco receio dela, embora estivesse ciente da minha debilidade e de que em qualquer momento o Senhor me poderia levar. Anteriormente, numa situação quase idêntica, quando senti que não podia suportar mais, exigi ao Senhor que me levasse. Contudo, mais tarde, sentindo-me melhor, pedi perdão por tal atitude. Mas, nesta ocasião, sentindo mais uma vez que se esgotavam os meus poderes de tolerância, fui fortalecido pelo ministério de Deus, ao ponto de poder orar: "Seja feita a Tua vontade."

Confiando no amor de Deus, senti os Seus braços eternos oferecendo-me conforto. Fui erguido acima da situação desesperada e o meu coração encheu-se de paz e louvor. Durante dias a fio, no hospital e depois, o meu espírito entoava a estrofe de um hino:

*Como és fiel, meu Deus!
Como és fiel, meu Deus!
Cada momento me cercas de amor,
Cada momento provês minhas faltas,
Como és fiel, meu Deus e Salvador!
(Louvor e Adoração, 6)*

Em resposta às orações de irmãos e por causa do Seu amor por mim, Deus manifestou-se à minha alma e ofereceu-me a certeza da Sua presença. E, através de um milagre da medicina moderna, Ele arrancou-me dos portões da morte. Um cartão de melhoras resumiu bem a experiência: "Quando chegares ao ponto onde tudo o que te resta é Deus, descobrirás que DEUS É TUDO DE QUE PRECISAS." □

Extractos duma conferência EVANG

Parece totalmente adequado que uma conferência sobre evangelismo, na Igreja do Nazareno, tenha reservado lugar para ênfase e informação acerca de como se processa o evangelismo em áreas de Missão Mundial.

Quando recordamos que a palavra *evangelho* no Novo Testamento é usada frequentemente num contexto internacional, então, mais apropriado é este relacionamento. "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura" (Mateus 16:15).

"Estou pronto para também vos anunciar o evangelho, a vós que estais em Roma" (Romanos 1:15).

Este processo de proclamar o evangelho, "boas novas" ao mundo, tem sido e continua a ser a tarefa da Igreja no seu ministério internacional.

Evangelismo é um acontecimento. Gostaria de solicitar a vossa atenção para duas perguntas:

1. Que está a suceder?

2. Como se está a realizar?
Que está a suceder?

Em 1975, o Rev. Louie e Ellen Bustle foram nomeados missionários pioneiros para a República Dominicana. Nessa altura não havia nazarenos, nem igrejas, nem pastores. Hoje temos 1.703 membros, 92 igrejas, 3 distritos com superintendentes nacionais e 45 pastores. Temos mais de 100 candidatos ao ministério matriculados em estudos teológicos. Alguns já se encontram a pastorear igrejas.

Há bem pouco, o Rev. Bill e Juanita Porter chegaram a Venezuela para começar uma obra nazarena. Depois de 12 meses, tinham 13 congregações, algumas das quais se reuniam em casas particulares com líderes e pastores nacionais.

No domingo em que celebrávamos o nosso 75º aniversário como denominação, organizaram quatro desses grupos em Igrejas do Nazareno.

No ano passado, os distritos de Missão Mundial cresceram sete



ência, dada em 1984, sobre

ELISMO

—L. Guy Nees

por cento, correspondendo a um ganho de 13.848.

Ainda no domingo acima mencionado, os distritos de Missão Mundial receberam 11.790 novos membros—mais do que o total de 1908, organizaram 117 novas igrejas.

Como se está a realizar?

Primeiramente, pelo trabalho dedicado dos nossos missionários.

No dia 4 de Dezembro de 1964, num domingo à noite, eu preguei na igreja de Mesquita, Rio de Janeiro, Brasil, pastoreada pelo Rev. Amadeu Teixeira. É seu pastor há treze anos. A igreja foi iniciada em 1969 pelos missionários James e Carl Kratz. Nesse domingo à noite, a igreja estava completamente cheia de pessoas e de bênçãos.

Em treze anos a igreja originou onze congregações, quatro das quais se organizaram em igrejas.

O pastor disse-nos que nessa noite estavam a ser realizados mais sete cultos sob a sua responsabilidade. Tem na sua congregação 35 pregadores

estudantes.

Este ano foram recebidos 200 novos membros na igreja de Mesquita. O alvo para o próximo ano é de 1.000 novos convertidos.

Estão a planejar um novo templo com a capacidade de 1.500 lugares—tudo à sua custa.

Em África, a evangelista Juliet Ndzimandze pregou numa noite durante a nossa conferência regional para mais de 1.000 pessoas. O seu texto foi Isaías 64:1-2. Penso que nunca mais esquecerei o seu repetido apelo:

"Oh! se fendesses os céus, e descesses!" Ao terminar o culto, toda a frente do auditório estava cheio de pessoas a orar. Ela está a ser usada poderosamente por Deus em avivamentos, tanto na África como na Europa.

Durante 35 anos, o Rev. Roger Winans trabalhou sacrificialmente entre os índios aguarunas no Alto Amazonas, América do Sul. Quando se aposentou tinha apenas cinco ou, possivelmente, seis convertidos. Mas manteve-se fiel à chamada e nomeação. A semente tinha

sido lançada. A colheita viria mais tarde.

Hoje o quadro é completamente diferente. Os missionários Larry e Addie Garman encontram-se ali—colhendo e semeando. O avivamento chegou aos aguarunas. No ano passado organizaram-se 14 novas igrejas, passando o total a 69. Ganharam 502 membros, para um total de 1.510. Há 27 estudantes matriculados na Escola Bíblica.

Quando o Dr. Lewis, superintendente geral, visitou o Perú por ocasião da Conferência Regional, os primeiros 18 pastores aguarunas foram apresentados para ordenação.

J. Herber Kane definiu um missionário como "aquele que foi chamado por Deus para um ministério de tempo integral da Palavra e oração (Actos 6:4); e que atravessou geograficamente fronteiras culturais (Actos 22:2) para pregar o evangelho em áreas do mundo onde Jesus é parcial ou totalmente desconhecido" (Rom. 15:20).

Em segundo lugar, isto está a realizar-se por intermédio de obreiros nacionais: superintendentes de distrito, pastores e evangelistas. Ilustram-no duas experiências recentes.

A oração é uma parte evidente do processo evangelístico nas áreas de Missão Mundial. Oração e jejum, noites e dias de intercessão tornaram-se acontecimentos frequentes. Em Seul, Coreia, um pastor contou-nos que estava no altar dessa igreja todas as manhãs dos dias úteis, das cinco às sete, para se reunir com pessoas que paravam para orar antes de iniciarem o trabalho do dia.

A nossa mensagem é a de boas novas do evangelho; e, para que as novas sejam verdadeiramente boas, devem chegar a tempo de fazer uma diferença marcante. □



OS NAZARENOS DEVEM REGOZIJAR-SE!

—JIM SPRUCE

Apresentemos algumas razões:

1. *Os nazarenos nasceram num espírito de avivamento!* Começámos bem. Não como um grupo desavindo saído de outra igreja. Embora houvesse muita tensão social a seguir à guerra civil dos Estados Unidos e se registasse o declínio da ênfase à santidade entre os metodistas, o reavivamento estava ainda a expandir-se no fim do século dezanove. Em parte, por muitas pessoas em muitos lugares desejarem a pregação de santidade. Não é pouca coisa ter a sua história ordenada por Deus num clima de reavivamento.

2. *Os nazarenos uniram-se para obter algo mais do que perdão.* Eles têm crido que a salvação de pecados é apenas a obra inicial de Deus. Reconhecemos que o Pai tem a oferecer-nos mais do que perdão. Assim, os nazarenos são um povo que se uniu por ter uma crença comum. Pensam que Deus deseja aperfeiçoar o que Ele perdoa. Por outras palavras, o laço bíblico que uniu os nazarenos não era mais que o desejo da maturidade na graça antes recebida. A Bíblia chama a isso *santidade*.

3. *Os nazarenos conservam algumas palavras próprias.* Mesmo com o risco de serem mal compreendidos, os nazarenos preservam algumas palavras bíblicas. Termos como *graça*, *pecado*, *santificação*, *santidade*, etc., não foram suprimidos da imprensa sofisticada do século vinte. Admitimos que essas palavras tenham significados que precisam de ser constantemente desvendados e explicados; mas os nazarenos nunca questionaram a relevância desses termos, assim como não questionam a da Bíblia. Sabem que a igreja que sobrevive é aquela que pode anunciar as palavras de Deus em qualquer cultura e tempo.

4. *Os nazarenos não se envergonham de suas convicções.* Os membros fiéis têm respeitado sempre os nossos padrões e doutrinas. O *Manual da Igreja do Nazareno* oferece directrizes quanto à conduta cristã. Os nazarenos leais têm feito da santidade uma parte do seu ser, tanto na vida social como na igreja. Eles sabem que não se espera menos duma testemunha de confiança. Os nazarenos que se regozijam em sê-lo, são geralmente os melhores membros da sua Igreja.

5. *Os nazarenos têm conservado os fundamentos bíblicos.* Eles vivem hoje numa sociedade enredada nas correntes opostas de confusão. Como sempre, o mundo valoriza o secularismo, o humanismo e um espírito avesso ao de Cristo. Mas, agora, até é popular ser-se evangélico! Parece que algumas igrejas mudaram a sua posição bíblica original para se acomodarem às exigências duma época sem princípios, indisciplinada e atea. Os nazarenos acreditam nos princípios bíblicos que fundamentaram os nossos Artigos de Fé, como vêm no *Manual da Igreja*. Isto conserva-os ajustados à Bíblia.

6. *Os nazarenos mantêm uma diversidade saudável num espírito de evangelismo de santidade.* Talvez seja esta a qualidade que nos salva. Nascemos num avivamento e continuamos nele; só por ele sobreviveremos; sem avivamento, morreremos! O clima de reavivamento que temos desfrutado até agora salienta tanto a salvação de pecadores como a santificação de crentes.

No entanto, a força crescente da Igreja do Nazareno tem sido a sua capacidade de se firmar bem no topo, porque está segura na base. Isto é, qual árvore forte, os nazarenos podem ceder um pouco sem que haja ruptura. Até agora temos permanecido enraizados em declarações doutrinárias. Não temos perdido muito tempo em questões que nos dividiriam.

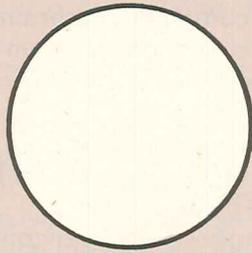
Muitas coisas poderão surgir amanhã: a evolução da tecnologia avançada, o aumento dramático de diversas culturas, o avanço científico sem precedentes e, até, a perseguição.

Entretanto, as verdades de Deus mantiveram-nos firmes durante os anos passados. E, se permanecermos fiéis, conservar-nos-ão firmes no futuro. □



ENVELHECENDO NA GRACA DE DEUS

—W. T. PURKISER



Alfredo voltou-se com um olhar crítico para o seu vizinho e disse: "Sr. Silva, o senhor está a ficar velho." Mas sentindo que o que tinha dito não era lá muito apropriado, acrescentou rapidamente: "Mas isso é comum nestes dias."

É uma realidade, mais do que nunca. O grupo populacional que hoje em dia cresce mais rapidamente é o constituído por pessoas acima dos 65 anos de idade. O desenvolvimento e acesso generalizado aos benefícios da ciência médica, bem como o melhoramento geral das condições de vida estão a aumentar dramaticamente a longevidade média da espécie humana neste planeta.

Viver é envelhecer. A única alternativa é aquela que cada um de nós adia o mais possível. O facto do envelhecimento é inevitável e contra ele nada pode ser feito. Mas todos podemos controlar o modo como reagimos a este facto.

O envelhecimento é uma experiência dura e amarga para aqueles que vivem sem fé no Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo. A morte é inescapável; e a morte para o descrente significa um salto para a escuridão impenetrável.

Conta-se que Albert Krupp, o industrial milionário alemão, ofereceu ao seu médico dez milhões de dólares norte-americanos se este conseguisse prolongar-lhe a vida por dez anos. "O tempo não se encontra à venda!", foi a resposta triste do médico.

Aqueles que entregaram a sua vida a Cristo enfrentam o envelhecimento com uma perspectiva do futuro bastante diferente. Para estes "viver é Cristo e morrer é lucro" (Filipenses 1:21). Eles têm a certeza que Jesus lhes deu quando disse: "Porque eu vivo, vós também vivereis" (João 14:19).

Mesmo o processo do envelhecimento é aliviado pelas promessas de Deus. A sua fundação é firme, tal como expressa no hino:

*Até na velhice todo o Meu povo
descobrirá
O Meu amor soberano, eterno e
imutável.*

"Na velhice", afirma o Salmista, "darão ainda frutos, serão cheios de seiva e de verdor, para anunciar que o Senhor é recto" (92:14-15). Isaias ecoa a promessa do Senhor: "Até à vossa velhice eu serei o mesmo, e ainda até às cãs eu vos carregarei; já o tenho feito; levar-vos-ei, pois, carregar-vos-ei e vos salvarei" (46:4).

Na era do Espírito, afirma Joel, enquanto os jovens têm visões, "os vossos velhos sonharão" (2:28); e Cristo prometeu que o Espírito, o Auxílio Divino, estará "para sempre convosco" (João 14:16).

A grande afirmação de Paulo era: "Por isso não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa

leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação" (2 Coríntios 4:16-17).

Contudo, a velhice traz as suas modificações e nós devemos estar preparados para nos adaptarmos. O triste paradoxo é que a sociedade que prolongou a longevidade da vida humana, e aumentou assim o número de pessoas idosas é precisamente a sociedade que glorifica a juventude e despreza a velhice.

O passar dos anos traz consigo o inevitável declínio dos poderes físicos. A velhice aumenta o risco de doenças. Certas enfermidades às quais a maioria dos jovens está imunizada constituem um perigo constante para as pessoas idosas.

A velhice é para muitos um tempo de solidão. A vida empurra os velhos para as margens enquanto que o fluxo da corrente aumenta de velocidade. Amigos e pessoas queridas deixam o mundo dos vivos e "ao nosso redor testemunhamos mudança e decadência".

A era moderna avalia o indivíduo pelas suas possesões. "Quanto é que ele vale?", significa sempre: "Qual é o valor da sua conta bancária ou propriedades?" A velhice tem geralmente por consequência o declínio de produtividade e possesões.

Há também um aumento de pressão psíquica numa altura da vida em que os poderes naturais de resistência se encontram consideravelmente diminuídos. Dois psiquiatras americanos (Drs. Thomas Holmes e Richard Rahe) enumeram dez mudanças na vida que causam maior pressão sobre o indivíduo. Todas elas podem ocorrer em qualquer altura, mas quatro destas têm maior probabilidade de acontecer durante a terceira idade: aposentadoria, morte de familiares, doença pessoal e, a mais severa de todas, a morte de cônjuge.

Na maior parte dos casos nada podemos fazer para impedir ou modificar os acontecimentos. Torna-se necessário aprendermos a aceitar o inevitável, seguros na graça constante de Deus.

Contudo, algumas das consequências do envelhecimento que nos parecem negativas podem ser postas ao nosso serviço. Cada idade tem os seus aspectos negativos mas cada uma tem, também, ângulos positivos.

Os anos de vida podem trazer-nos uma melhor perspectiva. À medida que nos aproximamos do portão da eternidade as coisas materiais e terrenas que deixámos atrás devem diminuir de valor e importância.

Esforcemo-nos por alcançar maior serenidade. Nesta altura a experiência já nos terá ensinado que a preocupação e a ansiedade não nos levam a qualquer lugar.

Devemos crescer em tolerância, e estar mais prontos a perdoar, cientes daquelas muitas vezes em que dissémos: "Continuo somente pela graça de Deus."

A nossa experiência da suficiência da graça de

Deus no passado deve oferecer-nos confiança de que continuará a ser suficiente nos anos vindouros.

Um grande missionário e evangelista, E. Stanley Jones, ofereceu conselhos de como tornar a terceira idade num período abençoado:

1. Não se aposente; mude de ocupação. Procure dedicar-se a uma actividade que aprecie, enquanto a saúde e as circunstâncias o permitirem.

2. Tente aprender algo novo em cada dia.

3. Procure ser cortês e afável para alguém, todos os dias.

4. Mantenha uma atitude positiva. Há uma diferença importante em referir-se alguém a um copo meio-cheio ou meio-vazio.

5. Procure, todos os dias, encontrar algo pelo qual se possa sentir grato.

6. Agora que as suas actividades físicas estão diminuindo, aumente o seu envolvimento espiritual. Talvez você possa ter um papel importante no ministério de intercessão.

7. Continue a abastecer o "bom armazém"—o depósito de bons pensamentos, motivos e atitudes que encham o nosso subconsciente.

A maior dádiva que podemos deixar aos que nos seguem é uma velhice radiante e vitoriosa. A ciência médica acrescentou anos às nossas vidas; é nossa responsabilidade acrescentar vida aos nossos anos.

A verdadeira alegria significa aceitar a nossa idade. O adulto deve aceitar o facto de que já não é criança. A pessoa idosa deve desistir daqueles alvos que só poderão ser atingíveis ao longo de uma vida activa. A terceira idade pode constituir uma experiência magnífica ou uma provação horrível. As circunstâncias externas não constituem o elemento determinante. Aqueles que se queixam da vida de aposentado são os mesmos que anteriormente se queixavam do seu trabalho. A condição da nossa alma determinará a característica da experiência.

E, no final, a qualidade de uma vida não é medida por aquilo que deixamos, mas antes por aquilo que somos e o local aonde iremos. Quando "o viver é Cristo", "o morrer é lucro", porque Cristo não só é o Alfa, Ele é também o Omega. Ele não só é o princípio mas é também o fim.

Quando chega a hora da partida, não caminhamos na direcção de um pôr-do-sol que breve desaparecerá. Marchamos, sim, para a aurora do dia eterno. John Wesley disse acerca das palavras de Paulo quando se aproximava o martírio (2 Timóteo 1:3): "Quando nos encontramos na extremidade da vida somos confortados pela memória dos predecessores a quem nos juntaremos."

Para um cristão, como alguém disse, o fim é "perder a terra que conhece, para ganhar um maior conhecimento; perder a vida que tem, por uma vida melhor; deixar amigos que ama, por um maior amor; achar uma terra mais benigna que o lar e maior que a Terra"—isto não é perder e deixar, é antes achar e

ganhar.

Um grande pastor-evangelista exprimiu esta verdade em termos memoráveis: "Lembremo-nos que aqueles a quem erradamente chamamos mortos estão mais vivos que nós próprios. Encontram-se para além da sujidade, do nevoeiro poluído das cidades deste planeta. Encontram-se na grande montanha de experiência com o céu infinito acima das suas

cabeças e, em seu redor, a luz de um sol que jamais se apagará; ali onde os grandes ventos sopram, o homem respira um ar que nunca conhecera e perscruta uma beleza que os olhos jamais viram."

Eternamente verdadeira é esta declaração:

"A vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito."

(Provérbios 4:18) □

Em 1961, um político famoso, defensor do programa de exercício físico regular discursou assim contra a passividade física: "O desporto hoje em dia está largamente limitado aos profissionais. O resto de nós faz exercício ao caminhar para os estádios ou ao atravessar o quarto para ligar a televisão."

Esta atitude de passividade não se limita ao aspecto físico; tem também consequências importantes para o bem-estar espiritual. Muitos elementos da cultura moderna, tais como programas de televisão religiosos, grupos e conjuntos "profissionais" de evangelismo ou de música coral ou, simplesmente, a magnificência de determinados cultos em super-igrejas cooperam na produção de "meros espectadores".

Entrevistado por um periódico, o escritor D. Elton Trueblood afirmou: "O cristianismo barato pode, regra geral, originar uma boa assistência aos cultos dominicais. Torna-se barato sempre que

MEROS ESPECTADORES

—STAN MEEK

a congregação se considera espectadora de um programa."

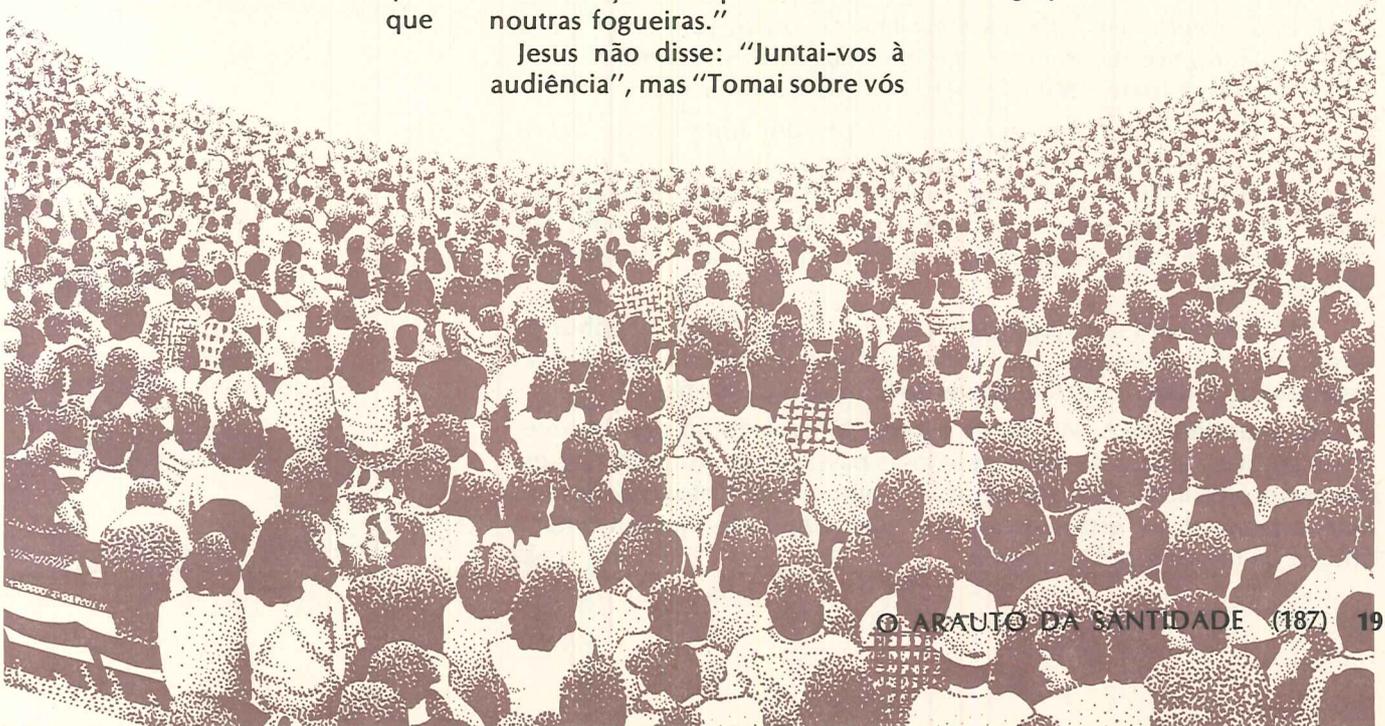
A. W. Tozer, em *The Root of Righteousness* (A Raiz da Rectidão) lança o aviso que o entretenimento religioso está rapidamente ocupando o lugar do verdadeiro culto a Deus. "O povo do Senhor regressa hoje aos passatempos do mundo na esperança de encontrar uma gota de sumo que aliviará a sede e a tristeza dos seus corações. A música evangélica "pop" proporciona a muitos a única alegria religiosa que conhecem. Outros derramam umas lágrimas ao verem filmes "religiosos"... Para uma grande multidão de crentes o Espírito Santo não é de importância crítica. Descobriram como podem alegrar os seus corações e aquecer as mãos noutras fogueiras."

Jesus não disse: "Juntai-vos à audiência", mas "Tomai sobre vós

o meu jugo." O *jugo* descreve as exigências do discipulado. Cultos inspiradores, quer observados na televisão ou experimentados num santuário não tornam uma pessoa num discípulo. Esta foi a razão pela qual Jesus não permitiu que Pedro construísse tabernáculos no monte da transfiguração.

Oswald Chambers escreve: "Deus dá-nos horas maravilhosas de inspiração e afasta-Se. Precisamos, então, de realizar, com mãos doridas e pés sangrentos, aquilo que nos foi dado ver. Poucos compreendem este princípio."

A multiplicidade de grupos semi-religiosos contribue também para esta atitude de passividade. Atravessamos dias em que nos envolvemos em toda a actividade relacionada à religião. Estão em voga grandes concertos. A "grande convenção" atrai multidões. Estudos bíblicos interdenominacionais, clubes cristãos e filmes ou entretenimentos religiosos devoram as poucas horas livres do membro da igreja.



Estas actividades não são completamente inúteis. Podem, na realidade, servir para fortalecer o cristão, se forem usadas selectivamente e como suplementos de valor secundário.

Francamente, a igreja precisa de examinar-se e descobrir porque razão os seus membros são atraídos por actividades secundárias nas quais investem mais energia e tempo do que com o trabalho da igreja.

A igreja tem também a responsabilidade de acender a luz de advertência. O envolvimento indiscriminado em grupos semi-religiosos poderá expôr o cristão a modas religiosas passageiras, a ideias sem bases bíblicas e a interpretações falsas. Satanás usará mesmo uma actividade religiosa para distrair membros entusiastas mas desprevidos quanto à verdade doutrinal e ao discipulado autêntico.

A Bíblia faz uma pergunta pertinente: "Que mudar leviano é esse dos teus caminhos?" (Jeremias 2:36). O estratagema de Satanás consiste em guiar os membros de igreja em tantas direcções diferentes, como espectadores, que eles se tornam incapazes de constituir uma força ofensiva unida.

Os espectadores podem ter um papel importante para levantar os ânimos numa partida desportiva, mas as guerras são ganhas nas trincheiras por soldados que estão prontos a sofrer sacrifícios. A batalha contra o pecado e Satanás não é um passatempo.

O Dr. Phineas F. Bresee, fundador e um dos primeiros líderes da Igreja do Nazareno, ofereceu algumas palavras de advertência para a denominação jovem. Ele disse que havia aqueles "que corriam para aqui e para ali em busca de sons mais altos. . . estes deixam de ser as pessoas que criam condições e produzem algo. Um verdadeiro soldado vale por um batalhão inteiro daqueles outros.

Ele disse: "Estou profundamente interessado no trabalho de Deus em todo o lugar, mas ando completamente envolvido na batalha a que Deus me destinou. . . Se no meu interesse pela guerra em geral eu permitir que a bandeira da minha divisão seja arrojada ao pó da terra. . . não tenho qualquer valor para o Exército."

Jesus chamou discípulos de carne e sangue e soldou-os numa igreja visível e organizada atribuindo-lhes responsabilidades reais. Ele deu-nos a igreja não só para proporcionar uma organização para o evangelismo mundial mas, também, para impedir que a fé se tornasse em algo frio e abstracto.

É impossível amar a Cristo e ser-Lhe devotado sem amar a Sua igreja. Quando nos recusamos a servir a Deus de forma concreta e sacrificial, o nosso amor e devoção perdem todo o significado.

No fim de contas, a Igreja foi criada por um amor que se exprimiu em formas concretas e *visíveis*, tais como deixar o esplendor e o conforto do céu para vir a um pobre estábulo neste mundo; tais como sofrer fome e sede, e ser mal compreendido e rejeitado; tais como sangrar e padecer numa cruz e, por fim, provar a morte pelos perseguidores.

Não havia nem um vestígio de passividade em Jesus, o Senhor da Igreja, ou nos discípulos da Igreja Primitiva. Nenhuma das modas religiosas de então os distraiu do verdadeiro alvo da sua fé.

O conselho de A. W. Tozer parece apropriado ao dia de hoje: "Não prestai atenção às vogas religiosas passageiras. As multidões estão sempre erradas. Em cada geração o número de justos é pequeno; fazei o possível por estar entre estes." Que Deus nos ajude a evitar a atitude de meros espectadores. □

É grande o nosso interesse em conhecer o futuro. Trata-se de desejo humano natural. Os astrólogos e perscrutadores de bolas de cristal enriquecem com a exploração deste impulso.

Quando começamos um ano novo, torna-se particularmente evidente a nossa ignorância do futuro. Ficamos cientes de quão pouco sabemos daquilo que o dia nos trará.

O amanhã é-nos completamente desconhecido. Poderá vir a ser um dia feliz ou triste. Nele as nossas ambições poderão ser realizadas ou as nossas esperanças esmagadas. "Não te glories no dia de amanhã porque não sabes o que trará à luz", disse o escritor inspirado, em Provérbios 27:1.

À primeira vista esta ignorância parece ser um elemento negativo na vida humana, mas tem grandes vantagens.

Uma vez que é o Senhor que mantém este véu sobre o futuro, podemos estar certos de que é feito deliberadamente. Deus conhece tudo. Ele sabe perfeitamente como reagiremos a cada experiência da vida. Ele conhece os acontecimentos que nos trarão dor e aqueles que servirão de bálsamo para as nossas vidas. Ele tem a fórmula perfeita da mistura de luz e sombra que proporcionará o melhor crescimento na vida cristã. Se desejasse que conhecessemos o dia de amanhã, este

O
amor
oculta
O
futuro

—G. WEATHERLEY

ser-nos-ia revelado.

Deus ama-nos acima de tudo. Podemos, assim, estar descansados que o futuro é mantido sob o véu da ignorância para o nosso bem. Se o conhecimento do futuro nos trouxesse alguma vantagem, Ele certamente nos mostraria o ano que está perante nós. Mas tal não acontece, a limitação do nosso conhecimento ao dia em que vivemos é na verdade para o nosso bem.

É com alegria que sabemos que determinados acontecimentos permanecem ocultos. Lewis Carroll, no seu livro *Através do Espelho*, onde tudo é visto ao contrário, ilustra este facto:

"De que tipo de coisas se lembra melhor?" aventurou-se Alice a perguntar à Rainha.

"Oh, daquilo que aconteceu na semana depois da próxima", respondeu a Rainha. De repente, esta começou a gritar como um apito de uma locomotiva.

"Que se passa?", perguntou Alice. "Picou o dedo?"

"Não, ainda não o piquei", respondeu a Rainha, "mas dentro em pouco acontecerá—oh, oh, oh!"

Não precisamos de sentir ansiedade pelo que o futuro tem guardado para nós. Deus possui todos os recursos da terra e do céu. Ele nos proporcionará diariamente o necessário. A Sua bênção será perfeitamente adaptada à nossa necessidade. Hudson Taylor exprimiu esta verdade na seguinte forma: "Se Deus me colocou em situação de grande perplexidade, não me dará Ele muita direcção; em situação de grande dificuldade, muita graça; em situação de grande provação, muitas forças? Jamais receio que os Seus recursos sejam incapazes de igualar a emergência. E os Seus recursos pertencem-me, porque Ele é meu, está comigo e vive em mim."

Um advogado, falando a um grupo de estudantes, descreveu de um modo comovente a sua experiência cristã. Disse que quando era pequeno o seu pai o levou a visitar a cidade de Nova Iorque. Para não se perder na multidão, ele agarrou o dedo do pai. Passado pouco tempo as suas pequeninas pernas começaram a ceder, os dedos começaram a escorregar. Ele olhou para o pai e disse: "Agora terás de agarrar a minha mão, porque eu não tenho mais forças."

O advogado concluiu dizendo que no mundo de hoje ele sente necessidade daquilo de que precisou como criança—sentir a mão forte de um pai, do Pai celestial, segurando-o firmemente.

Desconhecemos o futuro, mas estamos perfeitamente seguros, porque temos o melhor Guia. O nosso Guia é onnipotente e onisciente. É com prazer que lemos estas palavras: "Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir" (Salmo 32:8). Em Provérbios 3:6 temos a seguinte promessa: "Reconhece-o em todos os teus caminhos e ele endireita-

rá as tuas veredas."

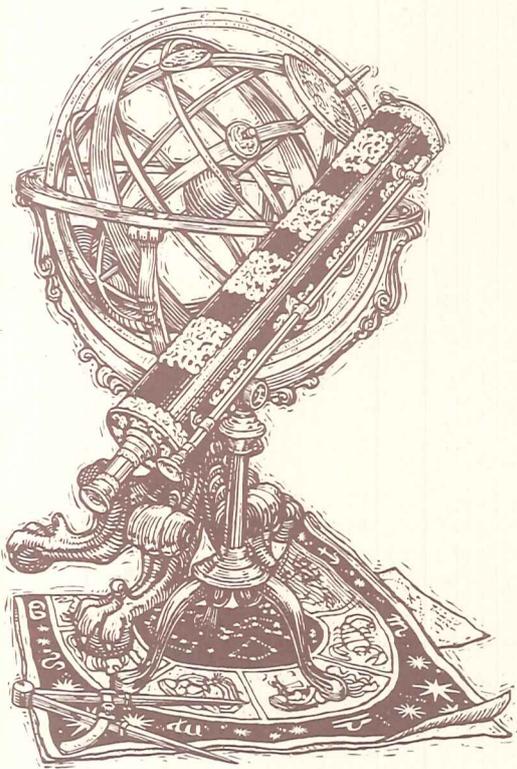
De Jesus temos as seguintes palavras: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas, pelo contrário terá a luz da vida" (João 8:12).

Deus oferece-Se como nosso Conselheiro. Ele proporciona-nos sabedoria tanto nas grandes crises da vida como nos detalhes de relativamente pouca importância. Precisamos desta orientação porque a nossa vida consiste num aglomerado de muitos detalhes e é moldada pelo nosso ajustamento aos vários detalhes.

Quando somos guiados por Deus nunca enfrentaremos uma crise tão severa da qual não possamos sair vitoriosos. Ele nos dará a sabedoria necessária para fazer o que está certo. Ele nos guiará pelo melhor caminho. Se aceitarmos a Sua solução não seremos forçados a decisão errada. "O Senhor firma os passos do homem bom" (Salmo 37:23).

O Dr. F. W. Boreham sentiu um interesse vívido num texto que seus pais tinham na parede. A mãe explicou o seu significado. "Um certo dia senti uma preocupação horrível. Deixei o que estava a fazer, tomei o bebé nos braços e comecei a caminhar para a frente e para trás sentindo o fim das minhas forças. O fardo parecia para além do que eu podia suportar. Sentia-me esmagada sob o seu peso. Parei por um momento em frente do calendário que tínhamos na parede. A minha atenção foi atraída pelo texto num canto da página. Parecia que tinha sido escrito para mim em particular: "Até aqui o Senhor tem-nos ajudado..." Naquele momento ganhei coragem e voltei aos meus afazeres com confiança renovada."

Podemos e devemos deixar o futuro nas mãos do nosso Pai. Podemos confiar n'Ele mesmo quando nos é impossível vê-Lo na situação. Isto significará uma vida de alegria e paz, coragem para continuar a jornada. □



ALEGRIA PARA A JORNADA

—C. NEIL STRAIT

O escultor Rodin criou duas estátuas: "A Mão do Diabo" e a "Mão de Deus". Uma é perfeitamente polida e revela sofisticada mão segurando uma figura humana. Encontra-se esta deitada, tranqüila e pacificamente. Constitui verdadeiro choque para os admiradores ler o título do trabalho: "A Mão do Diabo".

Tal designação torna-se compreensível quando olhamos para "A Mão de Deus". Esta estátua é áspera como se tivesse sido arrancada directamente de uma pedra. Do seu centro eleva-se poderosa mão. Esta carrega também uma figura humana, mas ela está sendo erguida em direcção ao céu. A estátua comunica poder protecção, cuidado, presença.

A mensagem é clara. O diabo oferece somente alívio temporário—se tudo vai bem, não há problema. Deus oferece mais—paz durante os bons tempos, mas também uma certeza de que em tempos caóticos Ele ajudará o Seu filho a levantar-se e a cami-

nhar em "paz no meio da tempestade".

A alegria da confiança e do cuidado divino são as marcas distintivas ao longo da jornada da vida santa. Caminhar com Deus em santidade é ter ao dispôr o Seu poder para cada tarefa, o Seu cuidado quando a vida começa a desmoronar, a Sua presença quando a noite é escura.

A verdadeira alegria não consiste na ausência de problemas. É, antes, a certeza de que no meio do pior que a vida possa apresentar, Deus está conosco, tem comando total, conforta e cuida de nós. Alguém disse que a "alegria é o transbordar de uma grande consciência artesiana de Deus". Lloyd Ogilvie disse que a "alegria é a expressão externa dos ritmos da graça provenientes do tambor do Mestre".

Caminha, portanto, ao longo da vereda santa, com a alegria de saber que Aquele com quem caminhas é tudo de que precisas para chegar ao lar! □

LEITURAS BÍBLICAS DO MÊS

1	II Reis 15—17	9	Isaías 7—9	17	Isaías 31—33	25	Isaías 55—57
2	Oseias 1—4	10	Isaías 10—12	18	Isaías 34—36	26	Isaías 58—60
3	Oseias 5—7	11	Isaías 13—15	19	Isaías 37—39	27	Isaías 61—63
4	Oseias 8—10	12	Isaías 16—18	20	Isaías 40—42	28	Isaías 64—66
5	Oseias 11—14	13	Isaías 19—21	21	Isaías 43—45	29	Miqueias 1—4
6	II Reis 18—19	14	Isaías 22—24	22	Isaías 46—48	30	Miqueias 5—7
7	Isaías 1—3	15	Isaías 25—27	23	Isaías 49—51	31	Naúm 1—3
8	Isaías 4—6	16	Isaías 28—30	24	Isaías 52—54		

"Esta é a confiança que temos n'Ele, que, se pedirmos alguma coisa segundo a Sua vontade, Ele nos ouve" —I João 5:14

1. Ore pelos novos líderes da Igreja escolhidos durante a 21a. Assembleia Geral.
2. Ore pelo seu Pastor e família.
3. Ore pelas autoridades locais e pelo governo do seu País.

EVANGELIZAÇÃO DE SANTIDADE NA ERA PRESENTE

—PAUL R. ORJALA

Que significa realmente a frase "evangelização de santidade"? Temo-la usado em geral como uma declaração vaga que nos identifica como parte de determinado grupo. Uma definição simples, mas necessária nesta hora crucial, seria: *Evangelização de santidade* é o esforço de conseguir que os crentes sejam santificados; assim como a *evangelização básica* procura a salvação de perdidos. Referia-se a este assunto o lema do último quinquênio da nossa igreja: "A santidade cristã avança"—um período de crescimento e de evangelização em todos os sentidos.

Durante as décadas dos anos oitenta e noventa, os nazarenos devemos experimentar o período de maior crescimento na nossa história.

1) Contamos com recursos para crescer. Temos a mensagem de que necessita o mundo, quando várias outras igrejas se desviaram por completo do caminho.

2) Nos Estados Unidos somos a sexta denominação melhor distribuída geograficamente; e em todo o mundo o nosso crescimento é sólido.

3) Atingimos um novo nível de compreensão sobre o crescimento da igreja; dedicamo-nos a alcançar a nossa respectiva geração, sob o poder do Espírito Santo.

4) Estudos recentes têm mostrado que as igrejas crescem mais quando nos baseamos na família e na sociedade. Torna-se aparente que a nossa denominação está a dar ênfase a esse rumo favorável ao crescimento da igreja.

5) Entre os milhões de novos crentes de todo o mundo nota-se uma forma crescente de vida espiritual profunda. Muitas pessoas que não assistem a qualquer igreja seriam atraídas pela nossa se tivessem oportunidade de a conhecer. Creio sinceramente que os nazarenos "para tal tempo como este" chegámos "a este reino" (Ester 4:14).

Certamente, continuamos a crescer. Mas a pergunta crucial é: **Continuaremos a ser uma igreja de santidade?** No século passado, outras denominações chegaram ao mesmo ponto de crescimento. Mas, no processo do desenvolvimento, perderam a sua doutrina distintiva de santidade e, hoje, encontram-se em decadência, totalmente extraviadas. João Wesley preveu esta situação e exortou os metodistas à vigilância. A nossa resposta consiste numa entrega completa à evangelização de santidade.

Temos sempre realizado uma melhor obra de evangelização básica (salvação do pecado) quando nos dedicamos à evangelização de santidade (inteira santificação). A pregação de santidade, bem como o testemunho dessa experiência, produz nos crentes o desejo de ser santificados e salvos, se ainda o não são.

Ao dedicar-nos à evangelização de santidade, cumprimos a grande comissão. Se ligarmos directamente com a santidade as teorias de evangelização e crescimento da igreja, veremos como milhares são inteiramente santificados e tomam posse de copiosa bênção espiritual, de uma vida santa, fiel e radiante.

1. *O alvo da evangelização de santidade é conseguir a inteira santificação dos crentes: não só estudar a doutrina, mas proclamá-la.* Técnicos do crescimento da igreja definem assim a evangelização: "Fazei discípulos" (Mateus 28:19); e, de várias formas, adoptam à perfeição a nossa teologia. Esta definição arminiana refere-se à perseverança necessária para a salvação. Estimula pessoas a converterem-se em discípulos; e, também, inclui a ênfase moderna ao "discipulado", como interesse pelo crescimento e obediência totais (batizando-os... ensinando-os").

Como wesleyanos perguntemos: Quando se completa o ciclo inicial do discipulado? A resposta é: quando o novo discípulo chega ao nível da graça estabilizadora, na inteira santificação. Recordemos a preocupação de Wesley sobre os "meios cristãos". A nossa responsabilidade continua até os novos crentes sentirem a urgência da santidade e puderem ser dirigidos até à inteira santificação (mas a responsabilidade da igreja não termina aqui). Devemos procurar que as pessoas entrem neste estado de graça, de santidade.

Necessitamos dum avivamento da pregação de santidade decisiva (isto é, que urja pessoas à decisão de serem santificadas). Precisamos duma renovação do testemunho de santidade (isto é, dar testemunho de se ter sido inteiramente santificado). Precisamos duma renovação da evangelização pessoal de santidade (ajudar os crentes a ser santificados por contactos pessoais). Todos necessitamos de ser especialistas de santidade ao possuí-la, compreendê-la e comunicá-la.

Ao mesmo tempo, devemos pregar a inteira santificação como a porta, não como o alvo. Ela consiste em sermos como Cristo. Se queremos que os membros cresçam, procuremos introduzi-los à vida de santidade.

2. *A santidade é essencial para o corpo de Cristo e para o exercício de dons espirituais no ministério.* A função da vida independente no corpo de Cristo talvez se explique na sua forma mais simples como um ministério mútuo (Gálatas 6:2), o qual se desenvolve como a expressão do amor de Deus que satura a nossa vida e se manifesta pelo Espírito Santo (Romanos 5:5). Os dons espirituais, que são concedidos para o bem comum (I Coríntios 12:7), apontam os canais para este ministério mútuo...

A santidade é a chave da igreja para conservar a unidade do Espírito no vínculo da paz (Efésios 4:3).

3. *Capacitemos o nosso povo para a evangelização de santidade.* Assim como capacitamos novos crentes para conduzirem outros a Cristo, também devemos fazer que os santificados conduzam outros à inteira santificação. Preparemo-los como obreiros de altar para cruzadas evangelísticas e cultos especiais . . .

Mas ajudemo-los a compreenderem claramente a doutrina bíblica da santidade. Circula nas igrejas muita "teologia popular" de santidade, inadequada e até nociva. Ao pregá-la e ensiná-la não demos dela uma impressão falsa, mas o que diz a Bíblia . . .

Capacitemos o nosso povo para que se dedique a orientar os crentes nos primeiros passos da sua nova vida de santidade, de crescimento na graça. De acordo com a história, as igrejas de santidade têm sobrevivido não só pela obra de pastores, mas também pela de leigos fiéis inteiramente santificados.

4. *A santidade derruba barreiras raciais e culturais.* Quando se apresenta a santidade pela primeira vez numa nova cultura de país distante ou em bairros de grandes cidades, por geral os ouvintes dizem que a experiência não é para eles, mas para o pregador ou professor. Crêm que são tão diferentes que ela se torna inacessível. Alguns declaram que é preciso certo grau de instrução para se compreender a doutrina. Mas Isaías, referindo-se ao caminho da santidade, diz que "até mesmo os loucos, não errarão" (53:8).

a) A santidade relaciona-se com as necessidades espirituais de todos os convertidos. É da vontade de Deus a nossa santificação (I Tessalonicenses 4:3); e ela é o cumprimento da promessa divina (Actos 2:17-18, 39).

b) Pode experimentá-la quem nasceu de novo em Cristo. É para todos os grupos étnicos, todas as classes sociais, todas as comunidades. O Pentecostes repetiu-se entre os samaritanos (Actos 8), na família dum crente romano (Actos 10) e no coração dos novos discípulos de Éfeso (Actos 19).

c) Pode unir-nos no meio da diversidade. No horto Jesus orou: "Santifica-os na verdade" (João 17:17). Nestes dias cruciais para a nossa igreja, quando procuramos definir o nosso carácter internacional, só o Espírito Santo pode ajudar a ultrapassar barreiras raciais e culturais.

5. *Toda a igreja deve participar na evangelização de santidade.* Que penetre toda a estrutura da nossa denominação. Adoremos ao Senhor na beleza de santidade. Cantemos "Santidade ao Senhor". Preguemo-la do púlpito e testefiquemos dela nos bancos da igreja. Estudemo-la em pequenos grupos de estudo bíblico, na Escola Dominical e em casa. Deve caracterizar a juventude e os ministérios entre os adultos. Deve viver-se esta experiência na comunidade, no trabalho, na escola e na vida diária. Porquê? Porque é exortação do Senhor: "Sede santos, porque eu sou santo" (1 Pedro 1:16). Quando nos dedicarmos com persistência à evangelização de santidade a igreja crescerá numérica e espiritualmente.

Deus nos abençoará se nos dedicarmos a esta sublime tarefa. Começemos, pois, por nos perguntarmos a nós mesmos: Já fui inteiramente santificado? Recebi o meu Pentecostes pessoal? Estou a dar testemunho da santidade? Sei como orientar outros à experiência? Estou a ajudar a minha igreja a ser verdadeiramente *de santidade*? Que faço para que outros alcancem esta experiência e uma vida santa?

Se desejamos uma igreja dinâmica, de santidade, que cresça continuamente, temos de pagar o preço. Está você disposto a isso?

ILHAS DE TRINDADE E TOBAGO

População: 1.067.000

Grupos étnicos: africanos 43%; indianos 40%; mistos 14%; brancos 1%; e chineses 1%.

Religiões: Católica Romana 36%; Hindu 25%; Muçulmana 6%; Anglicana 18%; Presbiteriana 4%; outras 10%.

Língua: Inglesa.

Governo: Democracia parlamentar.

Abertura da obra da Igreja do Nazareno: 1926.

Primeiros missionários: Rev. J. I. Hill e esposa.

Primeiro superintendente nacional: Rev. Hugh McKenzie.

Actual superintendente do distrito: Rev. Carl Bompert.

Escolas: Colégio Teológico Nazareno—na área das Caraíbas, servindo os distritos de Índias

Que é a promessa de fé?

1. **Não é uma oferta monetária.** Você não precisa de contribuir com dinheiro para participar. Embora ofertas monetárias sejam recebidas em cultos de Promessas de Fé e talvez você sinta desejo de dar uma quantia generosa no momento ou de pagar sua primeira prestação; a promessa de fé vai além de contribuições regulares no futuro.

2. **Não é assumir um compromisso.** Ninguém lhe virá cobrar qualquer importância. É uma aliança estabelecida entre você e Deus. Os registros feitos têm so-



Ocidentais de língua inglesa.

O começo da Igreja do Nazareno nas ilhas de Trindade e Tobago relaciona-se de perto com a obra de Barbados. O Rev. J. I. Hill e esposa visitaram Trindade em 1926, pouco tempo depois da sua chegada a Barbados. Eles convidaram Carlota Graham, natural de Barbados, a acompanhá-los e a participar em cultos de reavivamento. Finda a excursão, ela pediu para ficar a pastorear uma igreja. Permaneceu na ilha da Trindade o resto da vida, pastoreando a mesma igreja durante 38 anos e dirigindo o distrito nos anos de guerra quando não havia missionários residentes.

Os campos de Barbados e Trindade formaram um único distrito até 1944. Os primeiros missionários nomeados para a ilha da Trindade foram o Rev. Lelan Rogers e a esposa, em 1944.

Em 1946, chegaram os missionários Trueman Shelton e, pouco depois, o casal Rogers mudou

para a Guiana Britânica com o encargo de superintender o novo trabalho. Quando os missionários Shelton regressaram aos Estados Unidos por doença e os Rogers em gozo de licença, o Dr. A. O. Hendricks e a esposa encarregaram-se do trabalho durante um ano. Em 1949 o Rev. Ray Miller e a família chegaram quando o Dr. Hendricks e a esposa seguiram para Barbados. Foi nesta altura que se principiou uma Escola Bíblica. Os missionários Wesley Harmons (1952-74), Howard Sayes (1953-65) e Dr. Ruth Saxon (1954, até ao presente) serviram no distrito e na Escola Bíblica durante os próximos anos.

Em 1955, o Rev. Prescott Beals encarregou-se do distrito e da escola quando o casal Miller partiu para férias.

A primeira assembleia distrital foi em 1956 e nela foram ordenados três pastores. Em 1957, os casais missionários Russel Brunt e Herbert Ratcliff dedicaram-se à

Escola Bíblica. Nos dez anos seguintes trabalharam na ilha da Trindade os Revs. Ralph Cook, Bill Fowler, Bob Caudill, Wayne Knox. L. Seaman, Victor Dunton, George Biggs e respectivas esposas. O casal Caudill foi o primeiro a viver na ilha de Tobago.

Em 1971, o Rev. Hugh McKenzie foi nomeado como o primeiro superintendente de distrito nacional. Na assembleia distrital de 1975 foi eleito superintendente do distrito o Rev. Farre Chapman.

O Distrito de Trindade e Tobago tornou-se em 1976 um distrito missionário e, em 1983, um distrito regular, continuando como superintendente o Rev. Farrell Chapman. Em 1983, o Rev. Chapman foi nomeado director da Escola Bíblica e o Rev. Carl Bompart foi eleito superintendente distrital. Os únicos missionários que continuam na ilha da Trindade são os que leccionam na Escola Bíblica. □

mente o propósito de permitir planos inteligentes baseados na fé da igreja local.

3. **Não é o dízimo.** Encorajamo-lo a dar o dízimo na igreja local a que pertence. A promessa de fé é uma obrigação que você toma voluntariamente, para além do seu dízimo.

4. **Não é uma decisão insensata tomada num momento de "entusiasmo espiritual".**

5. **É uma decisão profunda de confiar que Deus lhe proporcionará recursos para contribuir para a Sua obra de uma forma mais generosa que até aqui tem conseguido.** Paulo escreveu: "Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria" (2 Cor. 9:7).

COMO FAZER UMA PROMESSA DE FÉ

1. **Ore acerca da quantia que Deus deseja que contribua.** Se confia em Deus para lhe proporcionar os recursos para cumprir a sua promessa, pode também confiar n'Ele para lhe mostrar a quantia. Talvez seja a Sua vontade que use algumas das suas economias ou que venda qualquer coisa. Talvez Ele deseje que confie no Seu

suprimento diário para exceder a sua própria capacidade de contribuir. Não seria sábio contribuir mais do que o Espírito Santo lhe comunica, mas seria igualmente prejudicial contribuir com menos. Ouça a voz de Deus. Ele o dirigirá.

2. **Leia o que o envelope diz.** Dependendo da fidelidade de Deus eu tentarei contribuir... "A promessa está contingente da providência de Deus. Significa que dará à medida que Deus supre.

3. **Preencha a quantia, nome e morada e devolva o envelope à igreja.**

4. **Confie em Deus de semana a semana, de mês a mês e glorifique o Seu nome nesta nova aventura de fé.** □

PERGUNTAS E RESPOSTAS

✓ Poderão as igrejas ter reuniões da junta nos domingos à tarde?

Na minha opinião, só o devem fazer quando houver alguma emergência que exija reunião especial imediata. As reuniões regulares da junta devem fazer-se noutros dias. Um pregador não estará em condições de produzir o seu melhor esforço num culto de domingo à noite, depois de ter estado envolvido em tensões físicas, emocionais e nervosas de uma reunião da junta. Pelas mesmas razões, nem os outros membros da junta tirariam muito proveito da reunião.

✓ Fará o favor de me explicar o primeiro capítulo de Ezequiel?

Uma explicação pormenorizada do capítulo ultrapassaria os limites desta página.

O capítulo descreve uma visão de Ezequiel quando foi chamado ao ministério profético. No contexto duma tempestade, ele viu quatro "criaturas vivas" com aspecto humano, tendo cada uma delas quatro asas e quatro rostos. Os rostos combinavam traços de animais com os de homens. A sua aparência e movimento resplandeciam e eram como brasas de fogo.

Depois o profeta viu "uma roda no meio de outra roda", as quais não giravam quando andavam em qualquer direcção. As criaturas e as rodas pareciam intimamente ligadas.

Acima dessas criaturas havia "uma semelhança de firmamento" e sobre o trono "a semelhança de um homem". E por cima do firmamento veio a voz de Deus chamando Ezequiel para ser profeta.

Quanto mais perto chega o profeta para explicar a sua visão, mais sobressaem estas palavras: "Este era o aspecto da semelhança de glória do Senhor" (v. 20). Ele também disse: "Eu vi visões de Deus" (v. 1).

O Deus vivo, onipotente, onisciente, todo-poderoso estava prestes a trazer Nabucodonosor do norte (Babilónia) como um temporal sobre o Seu povo rebelde. Ezequiel é chamado a ser o porta-voz de Deus, a cujo poder glorioso ninguém consegue resistir; e o Seu grande amor provê um arco-íris de esperança no meio da tempestade do julgamento.

O uso repetido de "semelhança" em Ezequiel é importante. Deus estava a manifestar-se a Ezequiel. A realidade da experiência desafiava a descrição correcta. Parecia ser apenas "como" coisas que vemos mais comumente.

Apesar de eu ter lido vários comentários, não consigo precisar melhor o significado das criaturas e das



Igreja do Nazareno da Ribeira Brava.



Vista parcial da Vila da Ribeira Brava. No círculo, o novo templo nazareno.

rodas.

Concordo, no entanto, com a observação de Adam Clarke: "Nós temos hipóteses em abundância; mas poderá aproveitar à humanidade aumentar o número delas? Creio que não."

Entretanto, na nossa época caótica, a visão da glória de Deus do profeta Ezequiel ajuda-me a recordar que o Criador, Juiz e Salvador da humanidade não deixou de controlar o mundo e a história.

NOVO TEMPLO EM CABO VERDE

Foi motivo de grande regozijo a dedicação do templo da Vila da Ribeira Brava, S. Nicolau, República de Cabo Verde. O atraente edifício oferece lugar condigno de adoração e centro de evangelismo para os fiéis da vila. Participaram no culto de dedicação, além do Superintendente e Director do distrito, Revs. Gilberto Évora e Paul Stroud, pastores e respectivas esposas que serviram na Ilha: Revs. Álvaro B. Andrade e Daniel B. Barros, tendo sido este responsável pelo grosso dos trabalhos de construção. A obra é agora dirigida pelo pastor David Araújo que fez a apresentação oficial das chaves do novo templo ao distrito de Cabo Verde. A realização deste sonho para os irmãos da Ribeira Brava deve-se, em grande parte, à generosidade da Igreja do Nazareno de Salem, Oregon, E.U.A. Esta congregação tem contribuído sacrificialmente para a construção de templos em treze países, traduzindo de forma prática o conceito de que nos cabe a todos apoiar a dessiminação da Boa Nova ao mundo inteiro.

Este é o décimo sétimo templo nazareno no Arquipelago, além de várias capelas e casas de culto. Parabéns, irmãos de Cabo Verde!

RETIRO DE PASTORES—NORDESTE DO BRASIL

De oito a dez de Novembro de 1984 realizou-se o terceiro retiro de pastores nazarenos do Distrito Nor-

deste do Brasil e suas esposas. O encontro foi em João Pessoa, Paraíba, a cidade verde do Nordeste. Ficamos hospedados no hotel-clubê Vale das Cascatas, lugar aprazível e confortável. Foi tempo de muita inspiração, aprendizagem e comunhão. O orador convidado, Rev. Eli Theodoro Batista, director da Visão Mundial—região nordeste, foi ricamente usado pelo Senhor para nos apresentar preciosas lições.

Nesta mesma ocasião, os presidentes de cada departamento deram os relatórios e falaram das directrizes para o próximo ano—Vida Cristã, D. Ebe Ferreira de Souza; Sociedade Missionária, D. Júnia Romera; e Juventude Nazarena, Rev. João Arthur de Souza.

O superintendente distrital apresentou em diapositivos coloridos o trabalho nazareno no Haiti. A experiência serviu de grande desafio para todos os participantes.

Ouvimos dos planos de implantação do IBIN (Instituto Bíblico da Igreja do Nazareno) nas regiões de João Pessoa, Natal e Recife, no ano de 1985. Em apenas cinco anos o Distrito Nordeste fez grandes progressos e caminha a passos largos. Graças a Deus pela dedicação e responsabilidade com que cada pastor encara o trabalho. Louvamos ao Senhor pelas bênçãos derramadas sobre os obreiros. Expressamos também o nosso apreço ao superintendente do distrito, Rev. Terry Read, pela visão, apoio e amizade que tem por cada pastor.

“Grandes cousas fez o Senhor por nós; por isso estamos alegres” (Salmo 126:3).

—JOÃO ARTHUR DE SOUZA



Terceiro Retiro de Obreiros do Distrito Nordeste do Brasil.

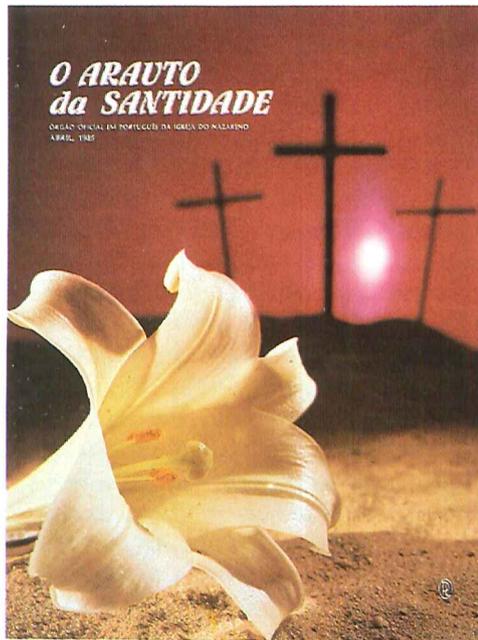
✓ **Preocupa-me que as reuniões sociais da nossa igreja venham a impedir o ambiente espiritual do trabalho e dos cultos.**

A nossa igreja e uma outra marcaram e anunciaram um jogo de futebol para domingo à tarde.

Não devem ser os nossos domingos para descanso físico e cultos de adoração?

É exigido de todas as pessoas que desejem unir-se

à Igreja do Nazareno “que dêem evidência da sua entrega a Deus . . . evitando o mal de toda a espécie”, incluindo “profanar o dia do Senhor participando em actividades seculares desnecessárias, portanto, entregar-se a práticas que violam a sua santidade.” Estas palavras são transcritas do *Manual* (26) e estão de acordo com as Sagradas Escrituras. A minha resposta à sua pergunta é “sim”—os domingos são para descanso físico e adoração a Deus. □



ENRIQUEÇA A SUA VIDA com a leitura de

Agora

- a cores vivas
- com maior número de páginas
- mensal
- estruturado para informar, instruir e inspirar

Assinatura anual—US\$4.00

Peça já a sua revista favorita!
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES
Box 527
Kansas City, Missouri 64141, E.U.A.

